

LISBOA

REVISTA MUNICIPAL
N.º 24 MARÇO 2018
TRIMESTRAL GRATUITA

LOJAS COM HISTÓRIA

Reciclar, Reparar, Reutilizar
Bicicletas Partilhadas
Fernando Correia
Prémios Valmor
Fábia Rebordão
Cultura nas Gaivotas

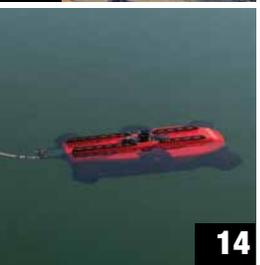




02



08



14



16



24



28



33



36



44

2 Um programa exemplar - Lojas com História

8 Reciclar, reparar, reutilizar

14 Robótica - A outra vida de Lisboa

16 Prémios Valmor 2013-2016

18 Nove ideias para a Praça de Espanha

20 Urbanismo:

Da Expo 98 ao Parque das Nações
Requalificação - Quinta de Santa Clara
Espaço público - Novo Largo do Leão

22 Bairros:

Chelas - Escolas amigas da igualdade
Bairros em rede - Artes e ofícios em acesso digital
Bairro Alfredo Bensaúde - Sai da caixa

23 A faísca da criatividade

24 GIRA - rede de bicicletas partilhadas

26 Guia - Estações Gira

28 Entrevista - Fernando Correia

32 Desporto:

Corrida solidária - Sempre Mulher
Dia do Trabalhador - Corrida 1.º de Maio
Nas escolas de Lisboa - Estudar, brincar e nadar

33 Capital Europeia do Desporto 2021

34 Educação:

Alimentação Escolar - Cescer Saudável
Escolas mais atentas - SOS Criança
Projeto piloto - loga chega à Escola

35 Navegar é preciso

36 Lojas com Alma - Barbearia Belarmino

38 António Soares, o mestre empalhador

40 Cultura:

Pai de Dom Quixote inspira rede de cidades
Casa da Achada - Comício sem palavras
Itinerários - Lisboa no Estado Novo

41 Novos voos para a Cultura - Polo das Gaivotas

42 Eventos:

Democracia - Abril em Lisboa
Bolsa de Turismo - 30 edições
Design nacional - ModaLisboa 50

43 Feliz Ano do Cão!

44 À conversa com Fábia Rebordão no Miradouro de Santa Luzia

47 Melhor destino mundial para City Break? Lisboa

48 Lisboa na imprensa internacional

Edição Câmara Municipal de Lisboa / Secretaria-Geral / Departamento de Marca e Comunicação

Diretora Maria do Carmo Rosa / Diretor Adjunto Luís Miguel Carneiro

Redação Filomena Proença, Isabel Advirta, José Manuel Marques, Luís Miguel Carneiro, Luís Figueiredo, Mafalda Ferraz, Marta Rodrigues, Rui Baptista, Rui Martins, Sara Inácio / Edição e Revisão Susana Pina / Design, Ilustração e Paginação João Ferreira, Maria João Pardal, Marta Barata / Fotografia Ana Luísa Alvim (coordenação), Américo Simas, Armindo Ribeiro, Luis Ponte, Manuel Levita, Nuno Correia Arquivo DMC Célia Martins

Versão Braille Gabinete de Referência Cultural – Imprensa Municipal

Estatuto Editorial <http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/ultimas> / Impressão Multiponto, S.A. / Tiragem 300.000 ex.

Depósito Legal 341672/12 / ISSN 2182-5556 / Inscrição na ERC Anotada / Periodicidade Trimestral / Distribuição Gratuita

CONTACTOS Rua Nova do Almada 53, 1º 1200-288 Lisboa / 218 172 500 / correio.leitores@cm-lisboa.pt

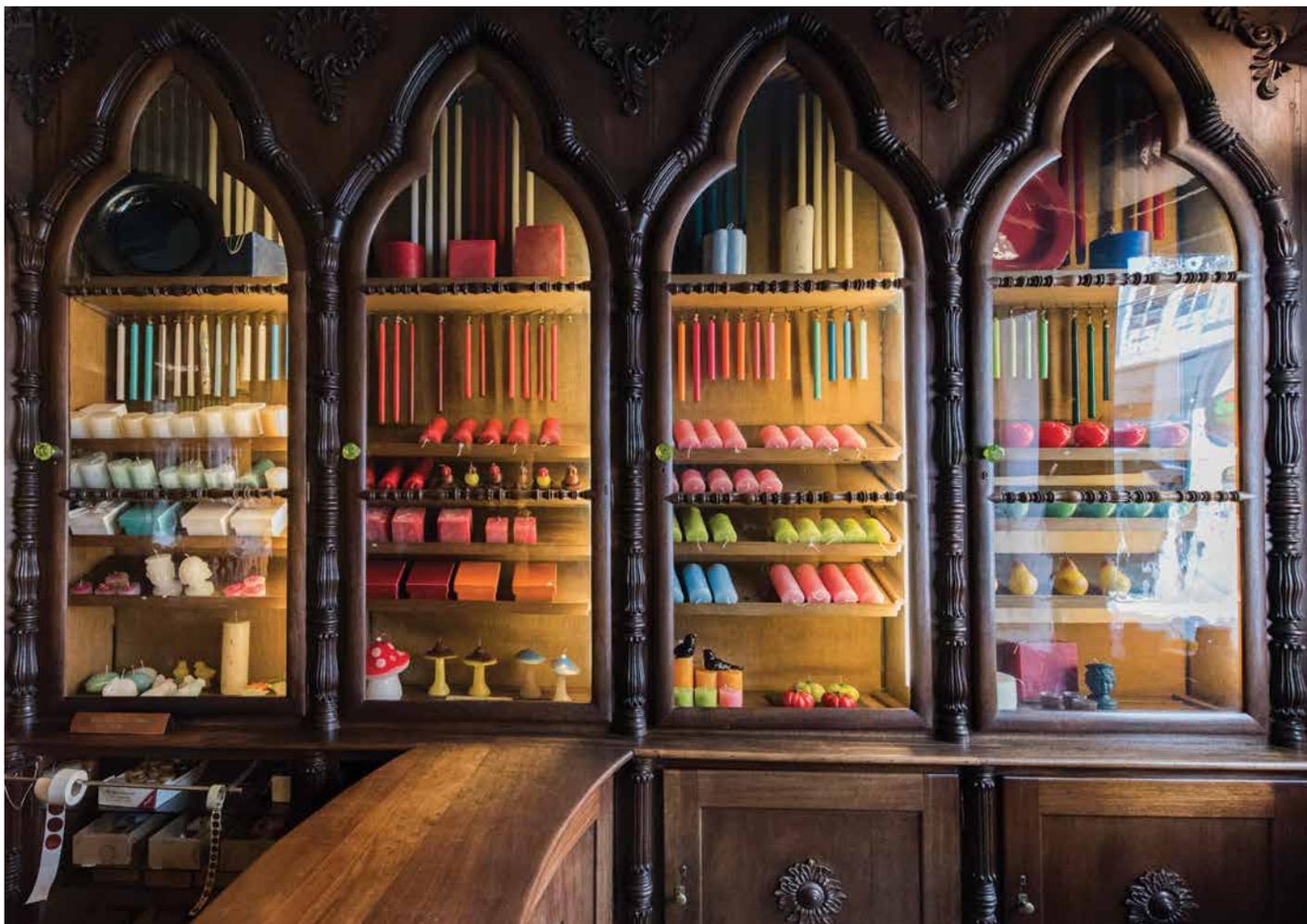
LISBOA UMA CIDADE

A alma de uma cidade não se descobre num relance, nem se expõe num museu. Ela radica num microcosmos de envolvências: certas pedras nos umbrais das janelas e os olhares que perpassam através delas; gestos conhecidos em esquinas e locais de cruzamento; jardins cultivados com hábitos e carinhos; timbres de voz no canto matinal.

As lojas históricas de Lisboa são um fio que liga esse novelo de identidade. Sujeitas ao envelhecimento dos lojistas, à especulação imobiliária, aos novos hábitos de consumo e a um agressivo novo Regime de Arrendamento Urbano (2012), a sua sobrevivência ficou ameaçada. Soado o alarme, o programa Lojas com História – pioneiro no país e exemplo internacional – é um incentivo para todos, lojistas e cidadãos, acarinharem e protegerem esse património único da cidade.

Lisboa é cada vez mais uma cidade global, com capacidade para captar turismo, investimento, talentos empreendedores, inovações tecnológicas, sistemas alternativos de mobilidade suave (como a rede de bicicletas partilhadas), eventos e distinções. Distinguida como Capital Europeia do Desporto 2021 e Melhor Destino City Break, importa que o momento seja olhado como uma janela de oportunidade para construir o futuro. Um futuro onde tenham lugar não apenas os que souberam agarrar o momento mas que a todos possa incluir – sobretudo os mais vulneráveis, como os idosos e todos os moradores nos bairros, a que dão alma e identidade.

COM ALMA



Um programa exemplar



O programa municipal Lojas com História surgiu para proteger o comércio tradicional com valor patrimonial e histórico dos muitos perigos que o tempo acarreta, integrando-o no convívio com a modernidade. São já muitas dezenas, as lojas às quais foi atribuída a distinção, e o programa já obteve reconhecimento internacional.

TEXTO Luís Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA SG-DMC

O pulsar de uma cidade pode auscultar-se na vitalidade do seu comércio. Quanto mais vibrante, mais a vida urbana se afirma. A intimidade que os lisboetas forjaram com as suas lojas preferidas permitiu que estas se perpetuassem ao longo de décadas, fazendo delas lugares de vivências partilhadas e proximidades cúmplices. Estas lojas são uma marca distintiva da identidade de Lisboa, dotando-a de uma âurea que não deixa indiferente quem parte à descoberta da cidade.

As transformações no tecido económico das últimas décadas não deixaram de ferrar cicatrizes no comércio tradicional, com muitos estabelecimentos a encerrar portas. As causas culpáveis estão distribuídas: o envelhecimento de proprietários e arrendatários que abandonaram a atividade, sem ninguém para lhes dar continuidade; a concorrência das grandes superfícies; e a crescente pressão imobiliária para novos usos conjugada com o Novo Regime de Arrendamento Urbano, que entrou em vigor em 2012 (permitindo aos senhorios a imposição de valores de renda incomportáveis para os comerciantes).

A luta contra o tempo

Em 2015, por iniciativa municipal, surgiu o programa Lojas com História, visando preservar o património arquitetónico e artístico, social e cultural (material e imaterial) de estabelecimentos com longevidade comprovada, e proteger e estimular a sua atividade, revitalizando o tecido económico e social da cidade. Um grupo de trabalho – integrando diversos serviços camarários de diversas áreas (Economia, Cultura e Urbanismo) e uma equipa da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa – procedeu a um amplo levantamento e a um extenso estudo no terreno das lojas lisboetas que sobreviveram a décadas de atividade. Paralelamente, foram definidos critérios de inclusão das lojas que se pretendiam distinguir.

Entretanto criado, um Conselho Consultivo, composto por representantes das associações de comércio e restauração, historiadores de arte e olisipógrafos, ativistas cívicos e outras

personalidades, aprovou os critérios de distinção (longevidade da atividade comercial, património material – arquitetónico, decorativo ou tecnológico – e património imaterial, como a importância para a história local), as linhas gerais do programa e o seu Regulamento, o Fundo de Apoio Municipal e um primeiro grupo de 82 lojas e estabelecimentos de restauração a serem distinguidos.

Benefícios da distinção

A par da distinção, consagrada pela aplicação de uma placa de metal identificativa, com a imagem do programa, em bandeira, na fachada das lojas – por um período mínimo de quatro anos, se as condições exigidas se mantiverem intactas –, as lojas distinguidas beneficiam



NUNO CORREIA

CHAPELARIA AZEVEDO - PRAÇA DOM PEDRO IV

também de um fundo municipal para apoiar ações de divulgação e dinamização, modernização dos procedimentos empresariais e comerciais e obras de reabilitação.

A nível fiscal, garante-se o acesso a benefícios ou isenções por parte dos proprietários dos imóveis que mantenham estas lojas no seu edificado e o direito de preferência nas transmissões onerosas dos imóveis por parte dos arrendatários, como forma de combater a especulação imobiliária e o aumento desregulado das rendas do comércio.

Um programa pioneiro de sucesso

Para dar a conhecer o programa aos lisboetas (tal como noticiámos no número anterior da revista Lisboa), esteve patente, até final de dezembro, uma exposição dando visibilidade ao espólio das 82 lojas que até então haviam sido distinguidas. Sucedeu-lhe um livro, entretanto editado.

Depois daquele primeiro grupo de estabelecimentos, foi aberto um concurso para que

outros se pudessem também candidatar ao estatuto de “Loja com História”. Até novembro de 2017, concorreram mais 125 estabelecimentos (para além de lojas, o programa estende-se também a pequenas oficinas e ateliês de produção artesanal ou tradicional). Entretanto, após análise pelo Conselho Consultivo, uma deliberação camarária distinguiu com o selo do programa várias outras dezenas de estabelecimentos entre aqueles que para o efeito se propuseram.

As novas distinções já foram feitas ao abrigo de recente legislação nacional específica, que entretanto foi publicada e que regula o regime de reconhecimento e proteção de estabelecimentos e entidades de interesse histórico e cultural ou social local (Lei n.º 42/2017), aprovada pela Assembleia da República no sentido de atenuar os efeitos perversos do Novo Regime de Arrendamento Urbano, de 2012 – e que em muito bebeu no exemplo pioneiro desta iniciativa lisboeta. Assim, as rendas das lojas ficam protegidas de aumentos descontrolados por um período

ANA LUISA ALVIM

RETROSARIA BUJOU - RUA DA CONCEIÇÃO



superior ao normal, de modo a permitir a adaptação dos comerciantes à nova legislação e a sensibilizar os senhores para a mais-valia destes estabelecimentos.

Não obstante todas as medidas de proteção, o futuro do comércio tradicional e das lojas com história está nas mãos de todos nós, compradores e consumidores. O comércio tem de vender para sobreviver. As lojas com história necessitam do nosso carinho: que as visitemos, as conheçamos e as apoiemos no seu negócio. Em troca, dão-nos algo de insubstituível e irrepetível: o seu ambiente único, a envolvimento da sua história e a sua ancoragem à nossa cidade. 🍷

TABACARIA MONACO - PRAÇA DOM PEDRO IV



ANA LUISA ALVIM

LOJAS COM HISTÓRIA UM PROGRAMA PREMIADO

O programa Lojas com História, que distingue os estabelecimentos históricos notáveis, foi ele próprio também distinguido, ao ser contemplado com o rótulo Boas Práticas da URBACT (programa de cooperação territorial europeia cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), num festival realizado em Taline (Estónia). Neste concurso, entre 270 candidaturas de 219 cidades de 29 países, foi considerado uma experiência bem sucedida que merece ser partilhada e adotada por outras cidades.

Servindo já como exemplo e replicado noutras cidades portuguesas, o programa foi, em outubro, vencedor dos prémios Media Digital Sapo para projetos inovadores em áreas tradicionais.

Conheça o programa:
www.lojascomhistoria.pt/



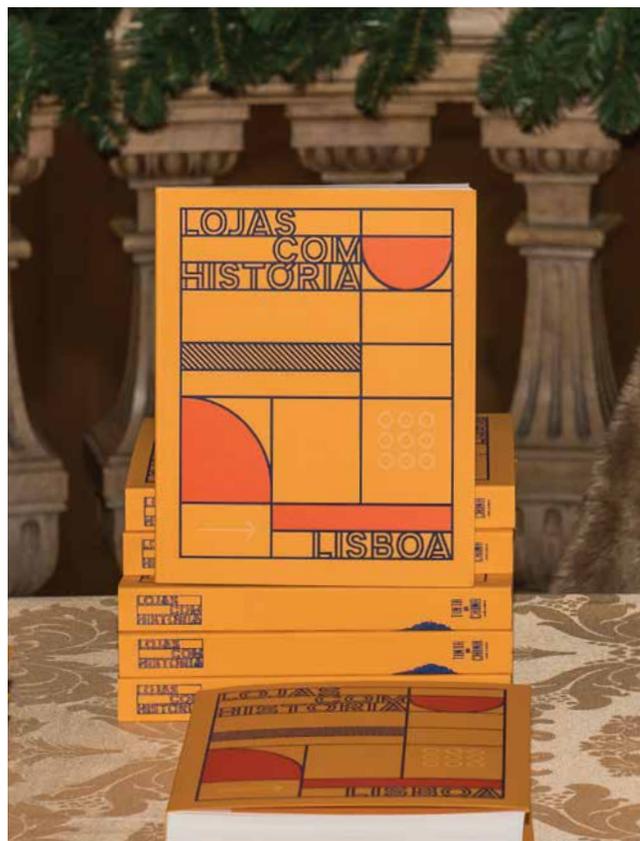
ARMANDO RIBEIRO

BAR PAVILHÃO CHINÊS - RUA DOM PEDRO V

Livro

Lojas com História

Lojas com História é também um livro. Foi editado no âmbito do programa homónimo (ver artigo, página 2). Esta iniciativa, que já distinguiu mais de uma centena de lojas com a sua chancela, pretende preservar e salvaguardar os estabelecimentos e o seu património material, histórico e cultural, tal como dinamizar e reativar a atividade comercial tradicional. O livro, numa edição dupla, em português e em inglês, da Tinta da China, com textos de Joana Bértholo e centenas de imagens, documenta uma vertente essencial da identidade de Lisboa. “As cidades são sempre caracterizadas pelo seu comércio. Não exclusivamente dentro do binómio compra e venda, mas naquilo que se vê, que se ouve, que se cheira, que se partilha.” 📖



Espaço Comércio apoia empresários e profissionais

Abriu em Lisboa o primeiro Espaço Comércio do país, uma “loja” dirigida ao setor, onde os empresários de comércio e serviços poderão tratar de todos os assuntos relacionados com sua atividade.

Este serviço pioneiro resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Lisboa, o Governo e a União de Associações do Comércio e Serviços (UACS), que promoveu a ideia.

Esclarecimentos sobre abertura e fecho de atividade, períodos de saldos e liquidações, questões relacionadas com os consumidores, bem como apoio técnico nas áreas jurídica e contabilística e análise de



projetos de investimento estão agora disponíveis num espaço a funcionar nas instalações da UACS, na Rua Castilho. 📖



POUPE MAIS ÁGUA

REDUZIMOS AS REGAS,
ENCERRAMOS FONTES E LAGOS,
AUMENTAMOS A RECICLAGEM DA ÁGUA.



LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL

RECICLAR REPARAR REUTILIZAR

PELO AMBIENTE, PELO FUTURO E POR SI

Numa sociedade com crescentes níveis de consumo, os excedentes constituem cada vez mais uma ameaça ambiental e, nas grandes cidades, uma forte preocupação. Reciclar, reutilizar e reparar são três palavras que devem estar cada vez mais no nosso léxico, não de forma retórica mas como um imperativo de comportamento.

TEXTO José Manuel Marques
FOTOGRAFIA SG-DMC



Dos habituais lixos domésticos que produzimos aos equipamentos que, com frequência, somos tentados a substituir, seja pela pressão da evolução tecnológica, seja pela comum avaria, a solução não pode ser, pura e simplesmente, a deposição no caixote ou o abandono na rua. Há sempre soluções ambientalmente mais sustentáveis com vantagens financeiras para si.

Lixos volumosos na rua, não

Vulgarmente conhecidos por “monstros”, os lixos de grande dimensão, como máquinas de lavar, colchões, móveis e outros, são de recolha gratuita em Lisboa. Basta ligar 808 20 32 32 para que os objetos de que se quer desfazer sejam recolhidos à sua porta, sem preocupações, sem incómodo para si e sem lixo na rua. Se preferir, pode entregá-los ainda em diversos locais de recolha distribuídos pela cidade (ver caixa). A cidade agradece, o ambiente merece!

ONDE ENTREGAR?

No sítio da Câmara Municipal na internet, na área “Viver / Higiene Urbana / Recolha de Resíduos Especiais”, poderá encontrar informação útil e diversa sobre o destino a dar a vários tipos de resíduos, das baterias de veículos a pilhas, dos óleos alimentares a medicamentos, entre muitos outros.

Ainda nesta área, poderá consultar o separador Centros de Receção de Resíduos, com a indicação de todos os locais que recebem papel e cartão, equipamentos elétricos e eletrónicos, óleos alimentares usados e lâmpadas. Também para os lixos volumosos existe um separador, com a indicação dos pontos de entrega, horários e contactos.

Uma nova vida para os seus objetos é sempre possível; antes de se desfazer deles pense em doá-los a organizações de carácter social. Conheça algumas no separador “Iniciativas e campanhas” da área “Higiene Urbana / Prevenção de Resíduos”.



Reciclar, uma questão de vontade e cidadania

Para os lixos domésticos é já efetuada recolha seletiva porta a porta em diversas freguesias; o sistema é simples e depende apenas da vontade de cada munícipe para que funcione bem. Noutros locais estão disponíveis os tradicionais ecopontos. Num e noutro caso, reciclar é uma atitude de cidadania e de preocupação pelo bem-estar da comunidade, afinal o bem-estar de cada um de nós.

Lisboa produz diariamente cerca de oitocentas toneladas de resíduos, uma média por residente superior a quinhentos quilogramas

por ano. Números que carecem de uma profunda reflexão, coletiva e individual, pois podem e devem ser reduzidos.

Uma redução de 10% é a meta nacional estabelecida no Plano Estratégico para os Resíduos Urbanos (PERSU 2020), que a autarquia acompanha através do Plano Municipal de Gestão de Resíduos do Município de Lisboa (2015-2020). Mas a última palavra, o gesto decisivo, está sempre nas suas mãos.

Reparar e reutilizar, a atitude certa

A instalação de um Ecocentro na cidade é uma dessas medidas, ainda em fase de projeto, onde poderá vir a ser adotado o sistema de “Pay as you throw” (PAYT), que imputa o pagamento da taxa de resíduos em função da produção individual, e premeia os comportamentos mais ambientalistas e mais sustentáveis. Esteja atento, a mudança vem aí.

E porque não reparar? A pressão tecnológica empurra-nos cada vez mais para um consumismo desenfreado, muitas vezes apenas ao sabor de modas. O televisor, o frigorífico, a máquina de lavar e tantos outros aparelhos que integram o nosso ecossistema familiar, que fazer quando avariaram? A tendência impele para a substituição. Mas a reparação é sempre uma opção ambientalmente mais amiga e quase sempre financeiramente mais vantajosa.

LISBOA A COMPOSTAR

A partir de maio serão disponibilizados quatro mil **compostores domésticos** em zonas de residências e condomínios com jardim.

Do total de resíduos domésticos produzidos em Lisboa e encaminhados para incineração, quarenta por cento são biodegradáveis. A sua compostagem evita custos económicos e ambientais, permitindo produzir um excelente fertilizante natural – o composto.

Se a sua moradia tem um jardim, pode solicitar o seu compostor através de *e-mail*, lisboaacompostar@cm-lisboa.pt, pelo número 808 203 232 ou nos balcões de atendimento da Câmara Municipal.



‘Com a ajuda de ferramentas e voluntários quase tudo tem arranjo no Repair Café,



MANUEL LEVITA

Repair Café Lisboa é um projeto que promove o combate ao desperdício, fomentando a reparação de objetos domésticos. Da pequena máquina avariada à cadeira partida, tudo é possível. Em breve, a Câmara pretende abrir um espaço permanente no Hub Criativo do Beato, e o apelo que lhe deixamos é que pense duas vezes antes de substituir. Reparar ou reutilizar é (quase) sempre uma opção.

Mesmo assim, antes que a sua decisão seja jogar no lixo, vale a pena lembrar que existem sempre instituições e organizações disponíveis para recolher ou aceitar os objetos, onde poderão ter novos destinatários e nova vida.

**Depois de fritar...
no esgoto não, por favor**

Sabe que um litro de óleo doméstico despejado para a sanita ou para o lava-loiças pode contaminar um milhão de litros de água, danifica a rede de saneamento e prejudica o clima? Também aqui o seu gesto pode fazer toda a diferença.

Após fritar batatas ou outros alimentos, deve deitar o óleo usado, frio, numa garrafa e colocá-la num oleão, disponível em diversos pontos da cidade. Além de evitar os efeitos poluentes, está a contribuir para que o óleo depositado seja transformado em biodiesel, sabão, velas, óleo, verniz, tintas e outros materiais. ♻️

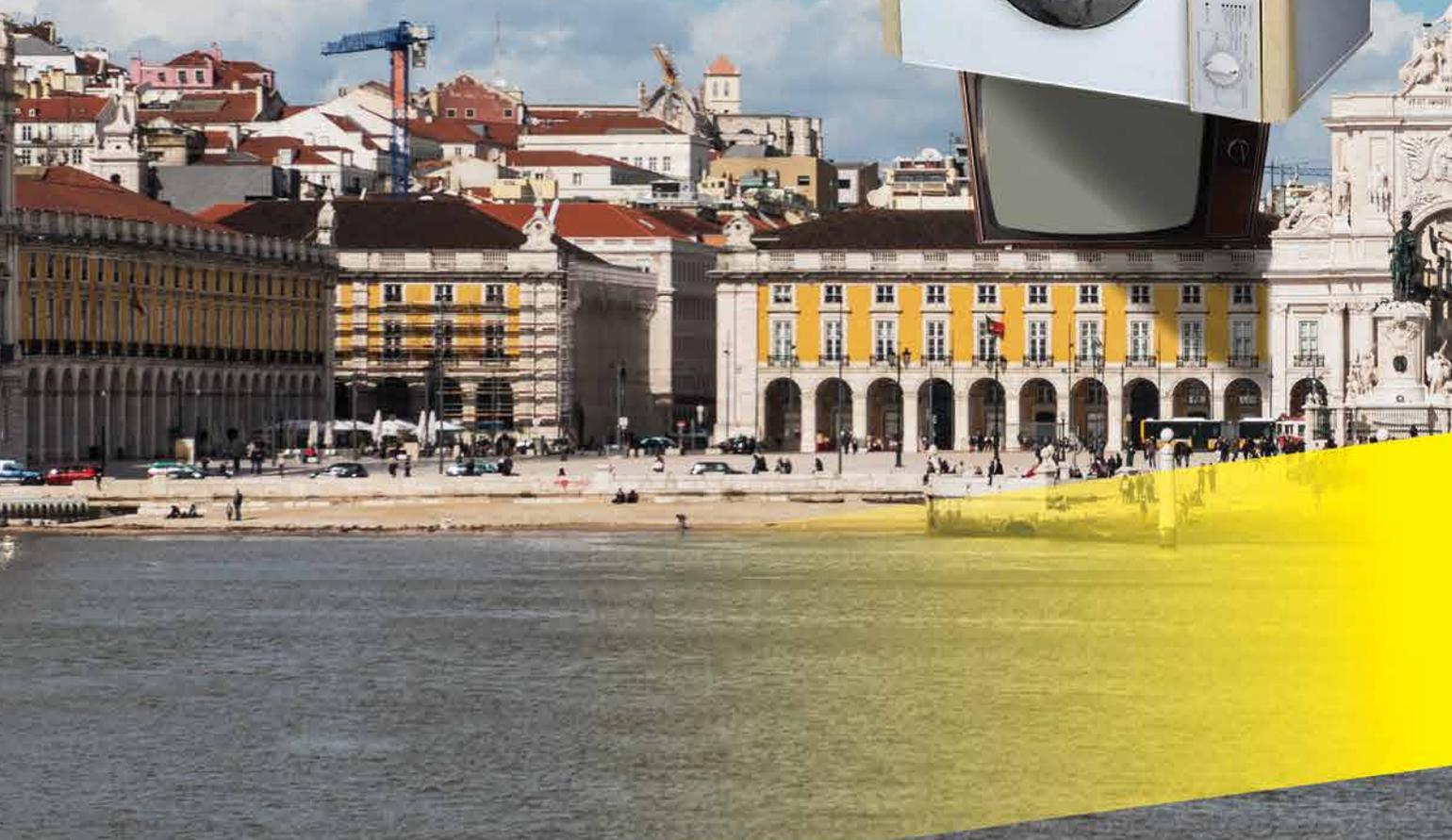


ARTE COM LIXO

Bordalo II transforma lixo em arte. O artista plástico, conhecido pelas suas grandes instalações com figuras de animais, afixadas nas paredes da cidade, concebeu esta obra, *Lisboa*, a partir de caixotes de lixo deteriorados (instalação temporária no Cais do Sodré).

NÃO ABANDONE O LIXO VOLUMOSO NA RUA

◆ ILUSTRAÇÃO: JOÃO FERREIRA | DMC | CIM | DEZEMBRO 2017





LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL

**RECOLHA GRATUITA
808 20 32 32**

MAIS INFORMAÇÕES: WWW.CM-LISBOA.PT



ROBÓTICA

A outra vida de Lisboa

Sim, há vida na cidade para além das gentes que a enchem, dos carros e da passarada, das casas, das ruas ou do rio. Estranha vida essa, a da robótica, das geringonças que por vezes ganham inteligência, mesmo que artificial – vida que palpita mas passa frequentemente despercebida, embora com ela convivamos diariamente e dela tiremos proveito. Cada vez mais.

TEXTO José Manuel Marques | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim



Experiências no âmbito da plataforma Lisboa Robotics, no Cabeço das Rolas, Parque das Nações

Cabeço das Rolas, jardim municipal que vale a pena conhecer, mesmo na entrada Sul do Parque das Nações. O dia de inverno está soalheiro, a água é prata, e o estranho aparelho vermelho, que mais parece um brinquedo de crianças, mergulha no grande tanque do jardim, comandado por Jorge Ribeiro, Rômulo Rodrigues e Miguel Ribeiro, investigadores do Instituto Superior Técnico (IST), em mais uma sessão de testes de um protótipo especial.

Onde o homem não pode ir

Luis Sebastião, professor e responsável pela equipa, explica que “há de ser um veículo híbrido, comandado por humanos ou entregue a si próprio”. É financiado pela empresa norte-americana Strategic Robotic Systems, no âmbito do projeto Fusion.

Trata-se de “desenvolver o cérebro do veículo para o colocar no mercado mundial”, um submarino miniaturizado que permite operar em “sítios inóspitos ou inacessíveis” à vida humana, adianta. “Uma nova geração” de submarinos deste tamanho, que recolhe imagens através de um sonar para fazer “uma espécie de fotografia acústica”.

Serve “para inspecionar e intervir em locais de difícil acesso debaixo de água, até trezentos metros de profundidade”, especifica. Imaginemos um navio afundado, uma comporta de uma barragem com

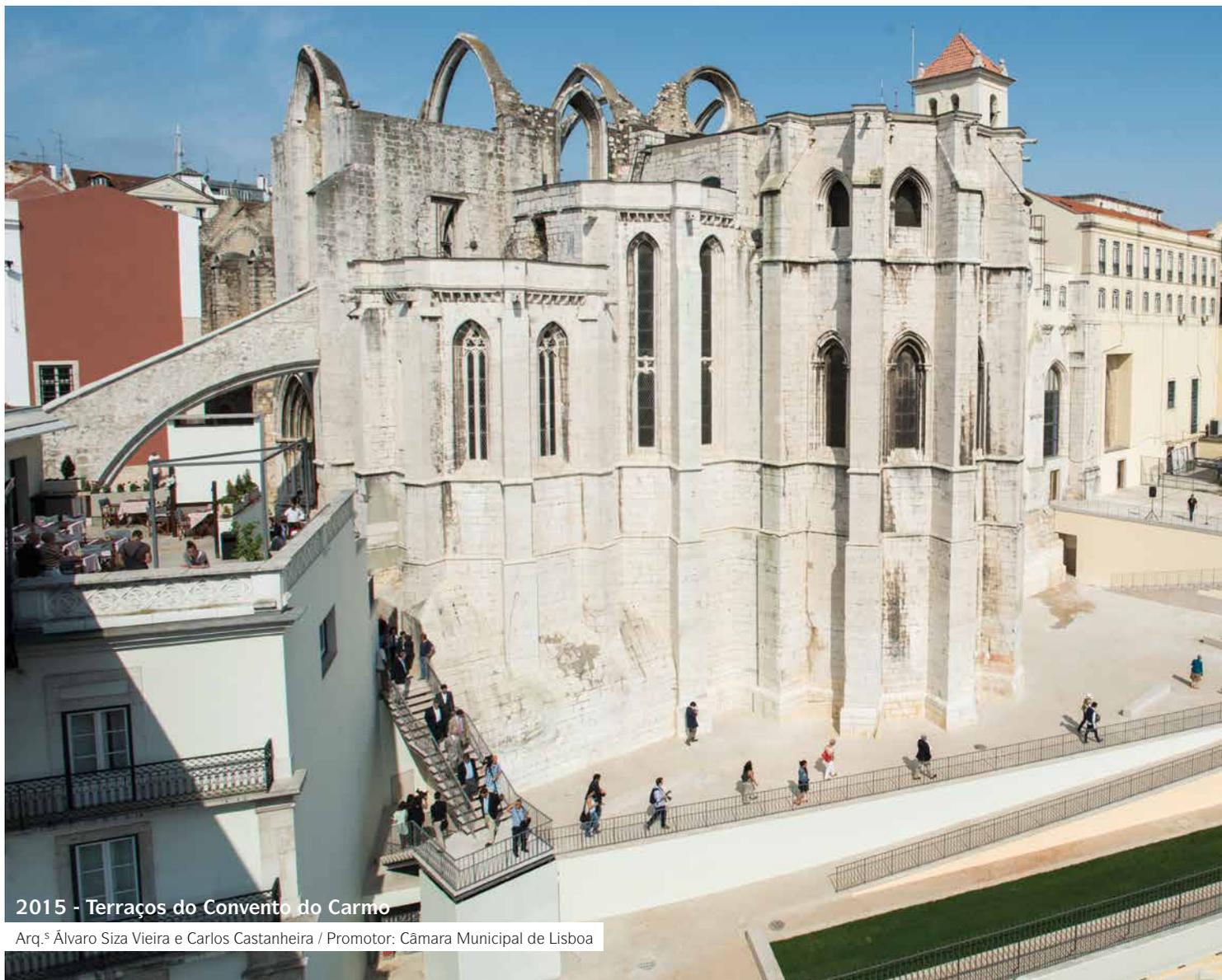
problemas, levantamentos de geofísica em turbinas ou trabalhos de arqueologia submarina. São inúmeras as situações em que o ser humano pode tirar proveito deste robô, que funciona “com o umbilical” (cabo) ligado ou sem ele, sendo que na primeira possibilidade as imagens são transmitidas em tempo real.

No Lisboa Robotics

Este tanque “caiu-nos do céu e tem características especiais que não encontramos frequentemente”, diz-nos Luís Sebastião para explicar a ligação do projeto ao Lisboa Robotics, uma plataforma dinamizada pelo município e diversos parceiros que procura federar os atores da cidade ligados à robótica, desenvolvendo o seu ecossistema em Lisboa (<http://www.lisboarobotics.com/pt/>).

Um dos aspetos distintivos daquele local é a visibilidade da água e a luz, diz-nos; já utilizam o tanque há cerca de seis meses no âmbito do Lisboa Robotics e do Lisboa - Centro de Inovação Oceânica, um projeto também com participação municipal.

Além do Cabeço das Rolas, outros espaços na cidade, designados por *hotspots*, acolhem, atualmente, ensaios tecnológicos promovidos por várias empresas ou instituições, como o quartel do Regimento de Sapadores de Bombeiros em Chelas ou o aterro sanitário de Carnide. 📍



2015 - Terraços do Convento do Carmo

Arq.^s Álvaro Siza Vieira e Carlos Castanheira / Promotor: Câmara Municipal de Lisboa

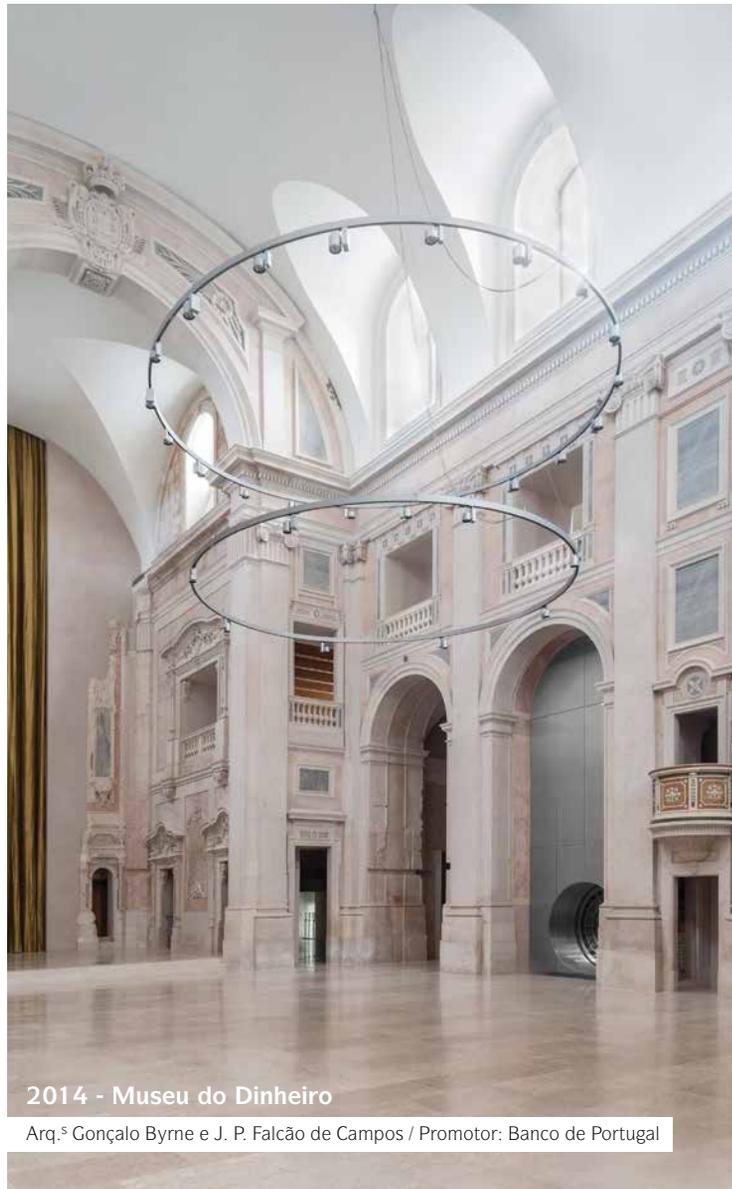
Prémios Valmor 2013-2016

A ampliação e cobertura da ETAR de Alcântara, o Museu do Dinheiro do Banco de Portugal, os Terraços do Carmo e o renovado Cineteatro Capitólio foram as obras distinguidas com os Prémios Valmor.

Entre vencedores e menções honrosas foram distinguidas, no total, treze obras realizadas entre 2013 e 2016, o quadriénio em causa nesta avaliação. O Prémio Valmor, instituído desde 1898, é um dos mais importantes prémios nacionais de Arquitetura, destinado a reconhecer a excelência de novos projetos na cidade de Lisboa.

Os elementos do júri foram, nesta edição, a

vereadora da Cultura, Catarina Vaz Pinto, o Diretor Municipal de Urbanismo, Jorge Catarino Tavares, o arquiteto Sérgio Melo (para os anos 2013 e 2014), o arquiteto Francisco Berger, enquanto representante da Academia Nacional de Belas Artes, o arquiteto Cândido Chuva Gomes, representante da Ordem dos Arquitetos, e o arquiteto João Pardal Monteiro, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. 🏆

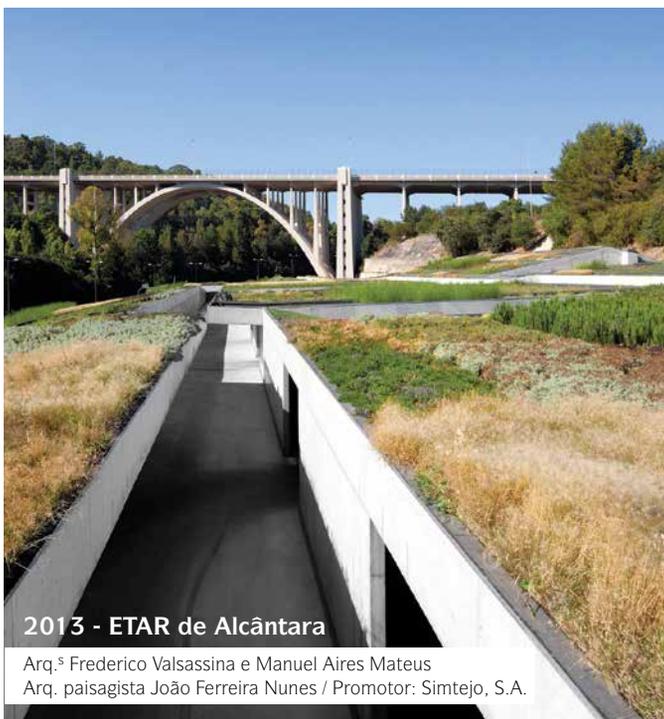


JOSE MANUEL RODRIGUES

2014 - Museu do Dinheiro

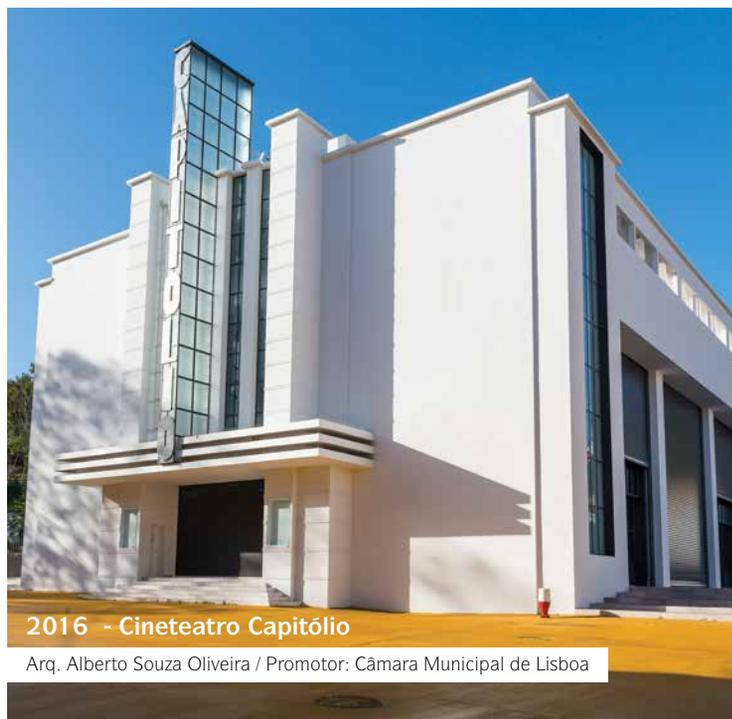
Arq.º Gonçalo Byrne e J. P. Falcão de Campos / Promotor: Banco de Portugal

FC + SG - FOTOGRAFIA DE ARQUITETURA



2013 - ETAR de Alcântara

Arq.º Frederico Valsassina e Manuel Aires Mateus
Arq. paisagista João Ferreira Nunes / Promotor: Simtejo, S.A.



ARMANDO RIBEIRO

2016 - Cineteatro Capitólio

Arq. Alberto Souza Oliveira / Promotor: Câmara Municipal de Lisboa



Nove ideias para a Praça de Espanha

O concurso de ideias para a construção de um parque na Praça de Espanha deu origem a uma exposição com as nove propostas finalistas, na galeria de exposições temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian. Foram muitos os munícipes que quiseram ver o que vai mudar, e deixaram as suas opiniões.

TEXTO Rui Martins | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim

Esta exposição, que decorreu entre dezembro e fevereiro, pretendeu mobilizar os lisboetas para um debate em torno das propostas apresentadas – que também podem ser consultadas no Portal da Participação: <https://lisboaparticipa.pt>. Esta iniciativa tem lugar entre as duas fases do concurso. As opiniões, críticas e sugestões serão analisadas e integradas nas recomendações finais.

Além de evocar a memória histórica da praça, o seu património e a sua evolução urbanística, a exposição “9 Ideias – Parque Praça de Espanha” apresentou os projetos em

concurso de forma graficamente acessível, pondo em evidência as suas implicações: novas acessibilidades e vias de circulação, pedonal e rodoviária; novo desenho urbano; novas funções; e novas vivências locais.

Com esta operação urbanística, pretende-se transformar a Praça de Espanha numa verdadeira “praça” – local de convívio, de vida urbana e de centralidade. Este parque irá integrar-se no corredor verde que liga o centro de Lisboa ao parque florestal de Monsanto, numa lógica de complementaridade com o jardim da Fundação Gulbenkian. 🌳

Montepio Proteção Futuro

Não vai acontecer. Mas, e se acontecer? Quem vai garantir a educação dos seus filhos?

O tema não é fácil, mas a pergunta tem de ser feita: se lhe acontecer alguma fatalidade ou um infortúnio da vida o deixar incapacitado, quem vai garantir o futuro dos seus filhos? Como vai assegurar a sua educação e o seu bem-estar? Subscriba as modalidades mutualistas Proteção Outros Encargos ou Proteção Vida, da Associação Mutualista Montepio, e garanta já hoje que o futuro dos seus filhos não tem "ses".

Saiba mais em
montepio.org



Associação Mutualista
Montepio
Juntos por todos

urbanismo

Da Expo 98 ao Parque das Nações

O Encontro de Urbanismo deste ano, organizado pelo CIUL – Centro de Informação Urbana de Lisboa, irá assinalar os vinte anos da EXPO 98, apresentando e analisando as principais etapas e implicações deste evento cultural, social e urbanístico que transformou e regenerou uma vasta área ribeirinha da cidade.

Ao longo de seis sessões, entre fevereiro e junho, pretende-se dar



a conhecer os vários olhares e experiências de quem participou neste processo e também de quem o estudou e pensou. O ciclo inicia-se com uma abordagem mais contextual de reflexão sobre as exposições mundiais, prosseguindo com uma análise das propostas e medidas que permitiram a realização da EXPO 98, avançando por fim para a discussão das questões territoriais e urbanas que o Parque das Nações levanta atualmente.

À semelhança do ano passado, as sessões serão complementadas por uma visita guiada, que visa proporcionar *in loco* o entendimento do lugar.

A entrada é livre mas sujeita a inscrição através de *e-mail*:
ciul@cm-lisboa.pt

Requalificação Quinta de Santa Clara

Integrada no programa “Uma Praça em cada Bairro”, a reabilitação da Quinta de Santa Clara, na Ameixoeira, tem como objetivo melhorar a mobilidade viária e pedonal, incrementar o transporte público e a rede ciclável, reabilitar o edificado, valorizar o património e revitalizar o tecido urbano. A intervenção programada contempla ainda a beneficiação do parque escolar da zona, através do programa Escola Nova: jardim-de-infância da



Ameixoeira, escolas básicas Eurico Gonçalves e Quinta da Castelhana, e escola secundária da Ameixoeira.

Prevê-se também a inclusão de novos equipamentos como uma esquadra da PSP, um centro intergeracional, um equipamento de formação profissional e um equipamento desportivo adjacente à Piscina Municipal da Ameixoeira. O projeto contempla ainda um parque de estacionamento na envolvente da estação de metro da Ameixoeira.

[www.cm-lisboa.pt/viver/
urbanismo/reabilitacao-urbana/
aru-santa-clara](http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/aru-santa-clara)

Espaço público Novo Largo do Leão

O Largo do Leão está de cara lavada e dá gosto descobrir a nova praça na continuidade da Rua Visconde de Santarém com a Rua Manuel da Maia, em direção à Praça do Chile. A intervenção qualificou e aumentou a área de circulação para peões através do alargamento dos passeios, da criação de áreas pedonais confortáveis e da melhoria dos atravessamentos nas passeadeiras. Foram também melhoradas as



condições de segurança e acesso à escola básica O Leão de Arroios através do alargamento do passeio e da criação de uma zona para tomada e largada de passageiros.

Criaram-se espaços públicos convidativos à circulação e ao lazer, com novo mobiliário urbano, iluminação pública e mais árvores. Na zona central do largo prevê-se a instalação de um quiosque com esplanada.

A nível viário, a intervenção contribuiu para ordenar o estacionamento automóvel e melhorar a segurança através do ajustamento da sinalização e da semaforização; foram ainda incluídas novas paragens de autocarros. A higiene urbana não ficou esquecida, com a introdução de ecopontos.

[www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/
espaco-publico/uma-praca-em-
cada-bairro/largo-do-leao](http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/largo-do-leao)



DESIGN: JF & MB | DMIC | NOVEMBRO 2017

OLISIPIADAS

OS JOGOS ESTÃO DE VOLTA

4ª Edição

GIRO, GIRO É PARTICIPAR!



INSCRIÇÕES EM OLISIPIADAS.CM-LISBOA.PT

CONTACTA A TUA JUNTA DE FREGUESIA

parceiros oficiais

organização

media partner

parceiros institucionais



bairros

Chelas Escolas amigas da igualdade

Uma “Escola Amiga da Igualdade” é o objetivo da Associação para o Planeamento da Família (APF), no âmbito do programa municipal BIP/ZIP.

Pretende-se introduzir a mudança nas instituições educativas, fomentando uma cultura de igualdade em torno das questões de género. A



iniciativa desenvolve-se em creches e jardins-de-infância, mas também em escolas do ensino básico e secundário.

Numa primeira fase, o projeto “Escolas Amigas da Igualdade” teve como entidades parceiras o Agrupamento de Escolas D. Dinis, a Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género, e a Associação Tempo de Mudar para o Desenvolvimento do Bairro dos Lóios.

Simbolicamente, uma escola que estabeleça e cumpra um conjunto de procedimentos passa a poder hastear uma bandeira evocando este estatuto.

www.facebook.com/Taligual

Bairros em rede Artes e ofícios em acesso digital

Uma nova plataforma digital dá acesso a mais de uma centena de oficinas de Lisboa especializadas em diversas áreas artesanais e oficinais.

A Rede de Artes e Ofícios de Lisboa é uma iniciativa do ateliê de arquitetura Artéria, e conta com o apoio da autarquia através do programa BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária. Tem, ainda, como parceiros, a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, o Instituto de



Emprego e Formação Profissional, e várias juntas de freguesia e associações. A Rede disponibiliza um mapeamento das artes e ofícios na capital, e divulga e promove ações de formação dirigidas quer a profissionais quer ao público em geral.

As artes e ofícios são um recurso económico e cultural de enorme valor estratégico para a cidade. Esta plataforma vai permitir e potenciar a encomenda de serviços, gerar a partilha de conhecimento e assegurar a continuidade de um saber-fazer tradicional.

www.redearteoficios.pt

Bairro Alfredo Bensaúde Sai da caixa

“Sai da Caixa Bensaúde – Juntos construímos um bairro melhor” é a designação de um projeto desenvolvido no bairro Alfredo Bensaúde, nos Olivais, pela Associação Jorge Pina e pela Junta de Freguesia dos Olivais, no âmbito do programa municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária.



Este projeto, que já ganhou vida própria e está para continuar, destinava-se a crianças e jovens do bairro e resultou da necessidade de se criarem respostas adequadas à ocupação de tempos livres. Através de um programa de atividades diversificado, que inclui boxe, dança, música e estudo acompanhado, pretende promover a prática desportiva regular e estimular os valores de coesão comunitária, fomentando laços entre jovens de diferentes culturas. “Sai da Caixa Bensaúde” é um projeto que reforça a imagem positiva do bairro e da sua comunidade.

www.facebook.com/saidacaixabensaude



A faísca da criatividade

A associação cultural O Gerador quer provocar “faísca” na criatividade dos jovens através do projeto Faísca Gerador – uma iniciativa que decorre no âmbito do programa municipal BIP/ZIP.

Esta associação cultural sem fins lucrativos, em conjunto com a autarquia, anda a faiscar na Alta de Lisboa Sul (freguesia do Lumiar) e no Bairro da Liberdade (freguesia de Campolide). O projeto pretende proporcionar aos participantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 35 anos, a oportunidade de aprenderem várias artes com artistas profissionais, para que eles próprios possam vir a ser no futuro os novos artistas.

São cinco as áreas de formação gratuita: arte urbana, ilustração, teatro, fotografia e escrita criativa. Cada formação é composta por dez aulas de três horas cada. Esta é uma forma de democratizar a cultura e de despertar o potencial criativo de jovens, porventura arredados dos circuitos formais do ensino artístico. 📍



www.gerador.eu/topico/faiscagerador



PEDALAR EM LISBOA É AGORA MAIS FÁCIL

GIRA

rede de bicicletas partilhadas

TEXTO Luís Figueiredo | FOTOGRAFIA Ana Luísa Alvim



Vocacionada, sobretudo, para as pequenas e médias deslocções que não justifiquem a utilização do carro ou dos transportes públicos, a rede Gira – Bicicletas de Lisboa conta hoje com 43 estações e 409 bicicletas. Em fase experimental desde 19 de setembro, até final de 2017 haviam já sido realizadas mais de 26 mil viagens e subscritos mais de 2 mil passes.

A utilização do sistema requer apenas a instalação de uma aplicação, já disponível para

Android e iOS, e permite escolher entre três modalidades: um passe anual (25 euros), um passe mensal (15 euros) – ambos destinados apenas a residentes em Portugal – ou, simplesmente, um passe diário, que permite viajar 24 horas, por 2 euros.

A estes valores, acrescem os custos de utilização, com tarifas que visam tornar atrativa a utilização do sistema em viagens pendulares (casa-trabalho ou casa-escola), de curta duração. 📱



GUIA

ESTAÇÕES GIRA

ALTA
DE LISBOA



O serviço disponibiliza já hoje mais de 400 bicicletas, e 43 estações estão em funcionamento: 10 estações na zona oriental, e 33 na zona central. Outras se seguirão.

Descarregue a *app* para consultar em tempo real o mapa atualizado das estações, e as bicicletas disponíveis em cada uma delas.

www.gira-bicicletasdelisboa.pt

- | | |
|---|---|
| 403 RUA LATINO COELHO | 450 RUA ALFREDO CORTÊS |
| 406 PRAÇA DUQUE DE SALDANHA | 452 RUA TEIXEIRA DE PASCOAIS |
| 407 PRAÇA DUQUE DE SALDANHA | RUA DR. GAMA BARROS |
| 408 AV. PRAIA DA VITÓRIA | 453 AV. ROMA / AV. EUA |
| 412 AV. RESSANO GARCIA | 457 RUA ABOIM ASCENSÃO |
| 413 RUA MARQUÊS DE FRONTEIRA | 459 RUA MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO |
| 414 AV. DUQUE D'ÁVILA | ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA D. LEONOR |
| 415 AV. DUQUE D'ÁVILA / AV. CONDE VALBOM | 460 AV. RIO DE JANEIRO |
| 416 AV. DA REPÚBLICA | PARQUE DE JOGOS 1.º DE MAIO |
| 417 AV. DUQUE D'ÁVILA | 463 CAMPO GRANDE / AV. DA IGREJA |
| 423 AV. ELIAS GARCIA | 464 AV. DA IGREJA |
| 426 AV. ELIAS GARCIA | 468 LARGO FREI HEITOR PINTO |
| 427 AV. VISCONDE DE VALMOR | 471 RUA LOPES DE MENDONÇA |
| 428 AV. BARBOSA DU BOCAGE | ESCOLA BÁSICA SÃO JOÃO DE BRITO |
| 430 AV. BARBOSA DU BOCAGE | 472 RUA MARQUÊS SOVERAL |
| 431 AV. VISCONDE DE VALMOR | ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA |
| 442 CAMPO PEQUENO | 473 AV. DO BRASIL |
| 446 AV. DA REPÚBLICA | 474 AV. DO BRASIL |
| 449 AV. 5 OUTUBRO / RUA CRUZ VERMELHA | 481 CAMPO GRANDE |



ZONA CENTRAL



OLIVAIS

- 101 ALAMEDA DOS OCEANOS
- 102 PORTA DO MAR
- 103 PASSEIO DE ULISSES
- 104 GARE DO ORIENTE
- 105 CENTRO COMERCIAL VASCO DA GAMA
- 106 PASSEIO DOS HERÓIS DO MAR
- 107 ALAMEDA DOS OCEANOS
- 108 RUA DO BOJADOR
- 109 ALAMEDA DOS OCEANOS / RUA DO ZAMBEZE
- 110 RUA DE MOSCAVIDE

PARQUE
DAS NAÇÕES

ZONA ORIENTAL

ZONA
ORIENTAL

ROTUNDA
DO RELÓGIO



43
ESTAÇÕES

LISBOA

MARVILA

CHELAS

AREIRO

ZONA
CENTRAL

OLAIAS

SALDANHA



RIO TEJO

Entrevista
**FERNANDO
CORREIA**



A voz da rádio. Nascido em 1935, é, há mais de 60 anos, o senhor de uma das vozes mais familiares aos ouvidos dos portugueses. Locutor e jornalista, entrou nas nossas casas como relator de futebol, noticiarista, apresentador de programas e comentador. Depois de passar pelos principais órgãos de comunicação social – na rádio, nos jornais e na televisão –, dedica agora parte do tempo a comunicar connosco através dos seus livros, testemunhos de vida e humanidade.

TEXTO Luís Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Nuno Correia

Lisboeta?

Nasci na Mouraria, em casa dos meus avós paternos. Ainda bebê fui para o Alto de Santo Amaro, na freguesia de Alcântara, onde cresci. Quando chegou a idade de ir para a escola, mudei-me para S. Domingos de Benfica, onde viria a casar, e depois vim para Belém.

Mas continua ligado a Alcântara?

Muito. Toda a família da minha mãe vivia aí e alguns ainda vivem. As minhas recordações dos primeiros anos de vida estão ali ancoradas: o Alto de Santo Amaro, o Jardim Avelar Brotero, a Calçada de Santo Amaro, onde vivia a minha avó, frente ao Palácio Vale Flor, com uma vista privilegiada para o Tejo, e frente ao campo do Carcavelinhos, um clube que depois se juntou ao União de Lisboa para formarem o Atlético... Estas marcas ficam para sempre: os primeiros brinquedos, os primeiros amigos, as primeiras corridas e primeiras quedas...

Vou muito a Alcântara, à Academia de Santo Amaro, à Travessa Conde da Ribeira, sítios de que gosto muito.

O gosto pelo desporto surgiu em que altura?

Muito depois. Eu queria ser médico. Fiz exame de admissão à Faculdade, fiquei com nota para entrar, mas houve um problema complicado com a separação dos meus pais. Fiquei de *pernas cortadas*, a pensar no que fazer à minha vida, pois precisava de um emprego para acudir à minha mãe. Desisti do curso de Medicina e empreguei-me na Comissão Reguladora do Comércio de Algodão em Rama, na Rua Castilho. Mas aquilo não estava no meu feitio, horário das nove às cinco e pouco tempo para almoço.

Como é que chegamos ao Fernando Correia radialista?

Entretanto, tinha-me matriculado à noite no Instituto Britânico e na Alliance Française. Quando concluí o curso do Britânico, consegui uma bolsa de estudo para ir para Inglaterra. E fui. Em Cambridge, tinha um professor que trabalhava na BBC e meteu-me o bichinho da

rádio. Ia com ele para a BBC, comecei a fazer uns pequenos apontamentos em inglês.

E a rádio a sério, em Portugal, começou quando?

Passados dois anos e meio regressei a Portugal. No jornal vi um anúncio de um concurso para locutor de uma coisa horrível do Estado Novo que era o Secretariado Nacional da Informação (SNI). Aquilo era tenebroso mas eu precisava de ganhar dinheiro. Concorri e fiquei aprovado. Andava pelos postos amadores (Clube Radiofónico de Portugal, Rádio Peninsular, Rádio Voz de Lisboa, Rádio Graça) a ler noticiários que mandavam do SNI, a ler palestras e a fazer teatro radiofónico – o que foi muito bom para mim porque tive como mestres dois bons ensaiadores e atores de grande categoria: o Pedro Lemos, do Teatro Nacional, e o Manuel Lerenó, um fantástico *diseur* de poesia. Oito meses depois houve outro concurso, para locutores na Emissora Nacional. Concorri e fiquei em primeiro lugar.

Como passou da locução generalista para o jornalismo desportivo?

De desporto só sabia que era sócio do Sporting porque o meu pai me inscreveu quando nasci e cheguei a ir ao futebol com ele. Na Emissora era locutor e jornalista, não havia ainda a especialização numa ou noutra área. Fazia de tudo: lia os noticiários, apresentava programas de fado, fazia programas como o “Serões para Trabalhadores” e “Música na Estrada”, entre outros. Mas nunca nada de desporto.

Até que um dia, em 1961, rebenta a guerra colonial e a Emissora Nacional tem a infeliz ideia de me mandar para Angola como repórter de guerra. Vi coisas para as quais não estava preparado. Estive lá três meses que modificaram a minha vida.

Como assim?

Descobri depois que a maioria das minhas reportagens não tinham sido emitidas, ou sido bastante censuradas. Isso provocou-me um



grande desgosto e dúvidas sobre o meu sonho de ser jornalista. Mandaram-me, então, fazer reportagens sobre a partida dos soldados nos barcos para as colónias. E, dois anos depois, fazia o seu regresso. Não eram os mesmos soldados que vira partir, eram pessoas transformadas que voltavam, muitos dentro de urnas.

E isso também o transformou a si?

Claro. Não aguentei. Percebi que estava a enganar-me a mim próprio no jornalismo político e decidi que não queria continuar com aquela farsa. Fui ter com o Artur Agostinho, que tinha sido meu monitor, e expliquei-lhe a situação. Pedi-lhe para fazer uns relatos de futebol. “E sabes?”, perguntou-me. “Não, mas aprendo!”

É então que nasce o jornalista desportivo Fernando Correia?

Sim. Como não pagava bilhete, ia para o estádio do Sporting e comecei a fazer uns ensaios com o meu gravador. Levei as gravações ao Artur, que não sei se ouviu ou não, mas o certo é que fui destacado para fazer pequenos apontamentos e pequenas entrevistas, que eram pagas à parte, o que me dava muito jeito. Fui estudando a matéria, comecei a interessar-me, a viajar com as equipas, e foi assim. Nunca tinha sonhado trabalhar com o futebol e ali estava eu.

Nunca mais se interessou pelo jornalismo político ou mais generalista?

Em 1974, com o 25 de Abril, regresssei a esse jornalismo. Tinha um programa chamado “Dimensão 3” mas o diretor, o Igrejas Caeiro, qualificou-o de “programa partidário” e mandou-me para chefe da secção de desporto. Foi assim que fui promovido, para não fazer esse programa. Isso magoou-me, não me pareceu justo. Acabei por ir para o Rádio Clube Português (RCP), durante oito meses – até à nacionalização, que juntou o RCP com a Emissora, com o novo nome de RDP (Radiodifusão Portuguesa).

Assim, continuei a fazer o jornalismo desportivo na rádio, por esses acasos da vida, mas não deixei o outro jornalismo, já que fui redator n’*A Capital e no Diário*. Fui também colaborador da *Gazeta dos Desportos* e do *Record* e diretor do *Diário Desportivo* – o que levou a que fosse despedido da TSF (onde tinha o programa “Bancada Central”) porque o dono, que era também dono d’*O Jogo*, achou que lhe estava a fazer concorrência. Ainda fui para o segundo Rádio Clube Português, com o Luís Osório, e acabei por vir para a Rádio Amália, numa altura em que já estava a trabalhar na TVI e na Sporting TV e pensava que a rádio tinha acabado para mim.

A par do jornalismo, acabou também por se dedicar a outro género de escrita, de maior fôlego. Esse interesse já vinha de trás?

Gostei sempre de escrever, de pôr no papel coisas que fui guardando, de dar voz aos meus pensamentos. A partir do jornalismo, a minha escrita foi-se solidificando. Escrever obras de maior fôlego começou com umas biografias que fiz sobre alguns atletas (Mata-teu, Joaquim Agostinho, etc.) e sobre a Natália Correia, de quem era amigo. Escrevi livros de contos e, ultimamente, escrevi quatro livros para a editora Guerra & Paz. É um tipo de escrita que me dá muito prazer.

Mesmo nos seus livros de ficção, a sua escrita parece estar muito colada à realidade...

Sim. A vida tem muita coisa para contar. É

preciso acordar consciências. Estes últimos livros pretendem despertar para a realidade. O primeiro deles, *Piso 3, Quarto 313*, é sobre o Alzheimer, um problema da minha vida, que atingiu a mãe das minhas filhas, que ainda está viva mas não sabe quem é. Julgo que esta minha experiência pode ajudar outras pessoas que, como eu, desconheciam a doença. O segundo, *O Homem Que não Tinha Idade*, debruça-se sobre a realidade dos lares de idosos, que muitas vezes são apenas depósitos de pessoas: um homem de 80 anos resolve fugir do lar onde o tinham posto para ir viver a vida. Escrevi um sobre a vida do Moniz Pereira, que foi meu amigo pessoal. O mais recente, *Se Eu Fosse Deus*, baseia-se na história verdadeira de um sem-abrigo, que conheci em Alcântara e me levou a descobrir coisas escondidas na cidade, que desconhecia existirem. Segue-se a minha autobiografia, *O Que Eu Sei de Mim*.

Lisboa é uma realidade sempre presente nestes seus livros. Como lisboeta, isso seria inevitável.

A cidade de Lisboa é um encanto e uma paixão. É uma cidade ímpar pela sua deslumbrante configuração geográfica. Passei tem-

poradas em Inglaterra, em Angola, no Brasil, mas tenho sempre de voltar à minha cidade. É apaixonante, com gente muito boa, tradições fantásticas que estão agora a ser descobertas pelos estrangeiros, com este turismo de justiça, pois há muito que Lisboa o merecia. A cidade está no caminho certo, mantendo o que deve ser mantido – como o elétrico e os bairros históricos – e alterando o que tem de ser alterado, para que tenhamos melhores condições de vida.

Mas a maior riqueza da cidade ainda é a qualidade das suas gentes: são pessoas boas, fraternas.

O facto de Lisboa ter sido selecionada para Capital Europeia do Desporto em 2021 é um justo tributo para esta cidade, recém descoberta pelo mundo?

É também uma questão de justiça, a começar pelo papel das coletividades e pequenos clubes, que vivem da entrega das pessoas dos bairros, tantas vezes substituindo-se ao Estado na formação das crianças e dos jovens. Não é por acaso que continuo ligado à Academia de Santo Amaro, no bairro onde cresci. Somos todos devedores dessas coletividades. 🇵🇹



desporto

Corrida solidária Sempre Mulher

No dia 15 de abril, Lisboa acolhe mais uma edição da Corrida Sempre Mulher.

Este ano, como tem sido habitual, a partida será na Praça dos Restauradores. Às 10h30 tem início a corrida competitiva – limitada a 10 mil atletas –, e, poucos minutos depois, a caminhada e corrida de lazer – limitada a 12 mil participantes. Nesta segunda fase, a participação dos homens é permitida.



O percurso de 5 km, com partida e meta na Praça dos Restauradores, far-se-á entre a Avenida da Liberdade e o renovado eixo central (avenidas Fontes Pereira de Melo / República). Os fundos angariados pela organização da prova – apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa – revertem a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Mulher com Cancro da Mama, que, desde 1999, promove o diagnóstico precoce em oncologia, em especial na mulher, prestando ainda cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação a utentes com doença oncológica, nomeadamente mamária e ginecológica.

Dia do Trabalhador Corrida 1º de Maio

O Dia do Trabalhador será assinalado em Lisboa com a 37ª edição da Corrida Internacional 1º de Maio.

Organizada pela União dos Sindicatos de Lisboa / CGTP-IN, a iniciativa conta com o apoio da autarquia.

A prova de 15 km – limitada a 1700 atletas –, é certificada pela Federação Portuguesa de Atletismo, e destina-se a «atletas federados ou não, sem distinção de sexo ou nacionalidade».



A partida está marcada para as 10 horas, no Estádio 1º de Maio, com o seguinte percurso: Av. Rio de Janeiro, Av. do Brasil, Campo Grande, Entrecampos, Av. da República, Saldanha, Av. Fontes Pereira de Melo, Marquês de Pombal, Av. da Liberdade, Restauradores, Rossio, Rua do Ouro, Praça do Comércio, Rua da Prata, Praça da Figueira, Martim Moniz, Rua da Palma, Av. Almirante Reis, Areeiro, Av. João XXI, Av. de Roma, Alvalade, Av. da Igreja, Av. Rio de Janeiro e Estádio 1º de Maio.

Realiza-se igualmente uma corrida/caminhada não competitiva, de 4 km – limitada a 500 participantes – com partida na Alameda e meta no Estádio.

Nas escolas de Lisboa Estudar, brincar e nadar

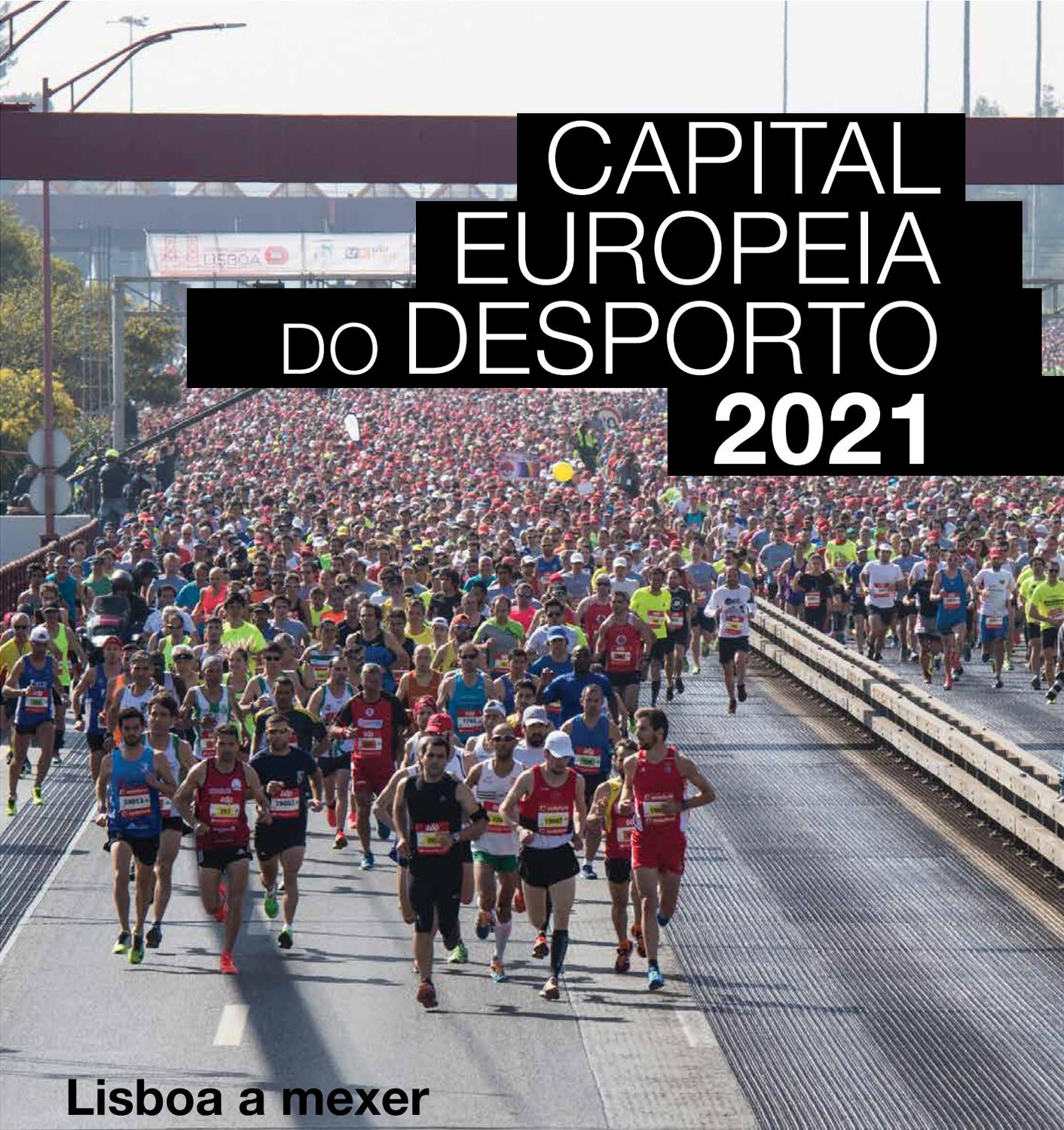
Milhares de alunos das escolas lisboetas do 1.º ciclo do ensino básico da rede pública frequentam aulas de natação, desde janeiro, no âmbito do programa municipal de apoio à



Educação Física curricular. O festival de encerramento da modalidade, a decorrer nos dias 17 e 18 de março, visa demonstrar as competências adquiridas pelos alunos ao longo das 12 aulas contempladas no programa.

No ano letivo anterior participaram 2719 alunos, incluindo 18 com necessidades educativas especiais, integrados nas turmas e apoiados por técnico especializado.

As atividades regulares realizam-se em 17 locais da cidade: nas piscinas municipais de Alfama, Alvisto, Boavista, Campo de Ourique, Casal Vistoso, Oriente, Rego, Restelo, Santa Clara e Vale Fundão; e nas piscinas de Arroios, da Associação dos Estrelas de S. João de Brito, do Clube Nacional de Natação, do Clube VII, do Go Fit, do Sporting Clube de Portugal e do Clube Supera.



CAPITAL EUROPEIA DO DESPORTO 2021

Lisboa a mexer

Lisboa tem um milhão de metros quadrados de área desportiva útil. Este espaço – que a autarquia se compromete a aumentar até 2021 – é hoje em dia usado por cerca de 223 mil pessoas para a prática regular de desporto. O envolvimento da comunidade foi, aliás, um dos fatores determinantes na decisão da ACES Europe (European Capitals and Cities of Sport Federation) de atribuir a Lisboa esta distinção.

Anualmente, distribuídos pela quase totalidade dos fins de semana, são organizados cerca de trezentos eventos desportivos, assegurados por mais de novecentas instituições públicas e privadas. Nos próximos anos, Lisboa terá 52 semanas de atividades físicas, a par de um investimento de 26 milhões de euros na requalificação de equipamentos desportivos.

educação

Alimentação escolar Crescer saudável

Iniciado em 2016, o Programa “Alimentação Escolar – Crescer Saudável” promove o acesso a uma alimentação de qualidade e conhecimentos tendo em vista a adoção de bons hábitos alimentares pela comunidade escolar. Para tal, são desenvolvidas atividades lúdico-pedagógicas dirigidas a todas as crianças do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo das escolas públicas,



bem como ações de sensibilização e workshops adequados a cada faixa etária nos restantes ciclos de ensino, básico e secundário.

Neste desafio, de mudança de comportamentos relativos à alimentação, este programa propõe o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo as famílias. A página do Facebook “Crescer-Saudável-CM-Lisboa” disponibiliza toda a informação sobre o programa, as ações programadas e os locais, bem como vários conselhos e sugestões que incentivam uma alimentação mais saudável e equilibrada, também em casa.

Escolas mais atentas SOS Criança

“Do SOS Criança à Mediação Escolar” é um projeto camarário em parceria com o Instituto de Apoio à Criança (IAC). No seu âmbito, a constituição de um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) em três escolas básicas (Lóios – AE D. Dinis; Gaivotas – AE Baixa-Chiado; e Eng.º Duarte Pacheco – AE das Olaias) assegura uma intervenção sistemática e direta naquelas comunidades educativas com vista à criação de condições psicológicas, pedagógicas e sociais



que contribuam para o sucesso escolar e pessoal da criança/jovem. O projeto contempla também uma vertente de intervenção em todas as escolas básicas do concelho, que passa pela divulgação da linha “SOS-Criança” e pela realização de ações de sensibilização em diversas áreas, tais como: segurança na Internet e vício no jogo; *bullying* e *cyberbullying*; maus-tratos na infância; sexualidade e violência no namoro; gestão dos afetos; comportamentos auto lesivos; alimentação e seus distúrbios.

É efetuada também a articulação entre as escolas e diversas entidades, nomeadamente, o Tribunal de Família, as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, o Projeto “Rua – Em família para crescer / IAC” e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Projeto piloto Ioga chega à escola

Ao longo deste ano letivo, alguns alunos do 1.º ano do Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar estão a frequentar aulas de iniciação ao ioga, integrando o “Estudo Piloto: Ioga nas Escolas”, que resulta de um protocolo de cooperação assinado entre a autarquia, aquele agrupamento de escolas e a Confederação Portuguesa do Yoga (CPY).



O projeto envolve duas turmas: uma, onde serão ministradas as aulas de ioga, e outra que, sem estas aulas, funcionará como grupo de controlo. Pretende-se, assim, aferir as diferenças induzidas por esta prática no desenvolvimento escolar e psicossocial das crianças.

De acordo com a vice-presidente da CPY, Sandra Xavier, este será o primeiro estudo científico em Portugal, neste âmbito. O trabalho, a cargo do Departamento Científico da CPY, conta com a colaboração da Universidade de Aveiro.



Para combater o abandono escolar

Navegar é preciso

Numa escola de Lisboa, no Lumiar, constroem-se caiaques. Sim, leu bem: caiaques. Com cinco metros de comprimento, em madeira, forrados a fibra de vidro e inafundáveis. Quem os constrói são os alunos. E serão eles a navegá-los no âmbito do projeto municipal Clubes de Mar. E quem ajuda estes alunos na construção dos caiaques são utentes da Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa. Confuso? Então continue a ler.

TEXTO Rui Martins | FOTOGRAFIA Ana Luisa Alvim

O professor Eduardo podia finalmente respirar. Não via aqueles alunos tão sossegados e concentrados numa tarefa há muito tempo. Eram jovens em risco de abandono escolar, mas agora são alunos empenhados. A acompanhá-los estão dois elementos da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral que encontraram na arte de trabalhar a madeira uma profissão e uma forma de superar limitações. Calma e lentamente as lixas vão

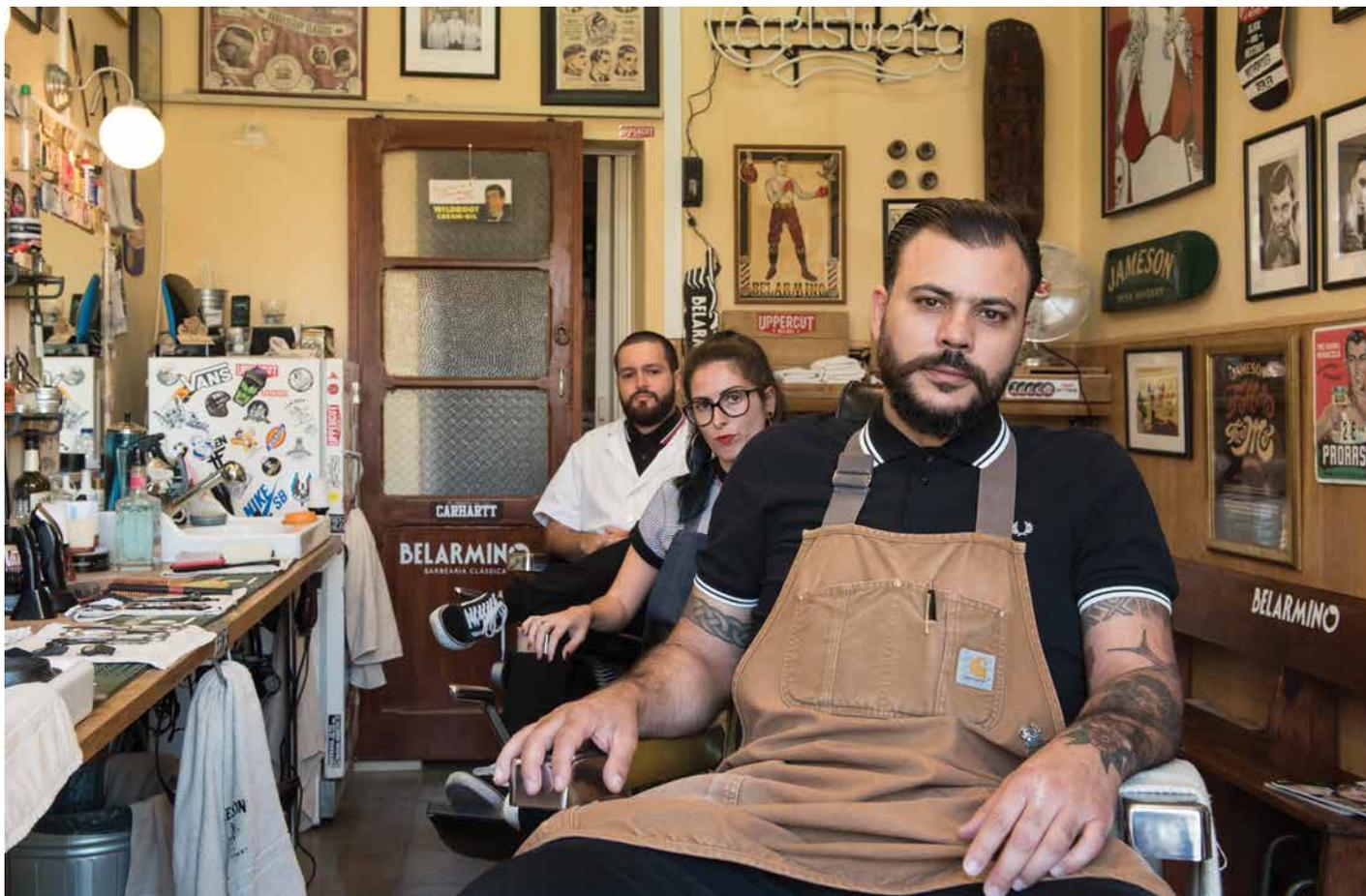
percorrendo as peças previamente recortadas no FabLab Lisboa a partir de moldes importados dos EUA. Os mais velhos explicam e mostram como se faz.

“Estes alunos eram muito inquietos, mas agora agarraram algo que lhes faz sentido, veem que são capazes de transformar coisas”, explica o professor de Artes, Eduardo.

Os trabalhos decorrem sob o olhar e a direção atenta do mestre João, do Clube Náutico Boa Esperança, para quem estas coisas do mar não têm segredos: “Temos cinco caiaques na calha, dois já estão praticamente prontos. Não há pressa”, explica.

Para a diretora do Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar, professora Maria Caldeira, este projeto reveste-se de um carinho especial: “É uma oportunidade de recuperar e integrar crianças que estavam numa trajetória de abandono escolar. Aqui podem desenvolver competências sociais e técnicas e ganhar novos sentidos para o seu futuro”.

O projeto envolve cerca de 50 alunos da escola básica Dr. Nuno Cordeiro Ferreira, e é para continuar. Quando a primavera chegar, e um novo ciclo dos Clubes de Mar se iniciar sob os auspícios do bom tempo, os caiaques construídos pelos alunos vão ser lançados ao Tejo e neles vão poder navegar. Porque é preciso. 🚣



LOJAS COM ALMA

BARBEARIA BELARMINO

Uma barbearia gerida por jovens não é novidade. Aliando o tradicional à modernidade, e a proximidade com a vizinhança à captação de clientela exigente, a *Belarmino*, que abriu em 2016 num pequeno largo na Travessa do Fala - Só (próximo da Rua da Glória, aos Restauradores), aposta no conceito de “barbearia e bar” para que os seus clientes se “sintam em casa”.

TEXTO Luis Miguel Carneiro | FOTOGRAFIA Nuno Correia

Em jeito de resposta às ameaças que pendem sobre o comércio e os serviços tradicionais, diversas novas barbearias têm surgido um pouco por toda a cidade. São, em geral, iniciativa de gente jovem, que toma nas suas mãos (literalmente) o seu futuro profissional. A barbearia *Belarmino* tem uma história para contar, pela voz de Miguel Leão, um jovem barbeiro com gosto pelo colecionismo, o classicismo do ofício e as tendências con-

temporâneas na arte de cortar cabelo, fazer a barba e pentear.

Tendo vivido a infância e a juventude nos Olivais, Miguel cedo descobriu o boxe, que o afastou de ínvios caminhos e lhe “mudou a vida”. Depois de dez anos a trabalhar na área financeira da aviação comercial, concluiu que “aquilo não me fazia feliz”. Do fundo da memória fluía a recordação das idas com o avô à barbearia do senhor Pinto, no Carmo, e deci-

diu fazer formação numa escola de barbeiros. Em 2008, foi trabalhar como aprendiz para a Barbearia Campos, uma das mais clássicas de Lisboa, no elegante Chiado (ver revista Lisboa n.º 19). Foi aí que uns clientes noruegueses o seduziram com a ideia de ir trabalhar para Oslo, onde abriram uma barbearia aninhada num bar de três andares, num dos prédios mais antigos da cidade. No espaço de um ano, em 2015, o sucesso do conceito *cocktail bar* – barbearia levou à abertura de três estabelecimentos na capital norueguesa.

Nostalgia, boxe e corte de cabelo

Mas a saudade e a vida familiar impeliram o regresso, e surgiu-lhe a ideia de criar o seu próprio espaço em Lisboa. De repente, tudo parecia fazer sentido: a sua cidade, o boxe, o ofício e o cinema – outra paixão. Por acaso, descobriu uma casete com o filme *Belarmino*, um tributo do cineasta Fernando Lopes à vida do pugilista Belarmino Fragoso. E assim nasceu a barbearia *Belarmino* – uma homenagem ao infortúnio da personagem, à cidade e às suas gentes.

O espaço recria uma barbearia clássica portuguesa, “sem importações”, com as suas cadeiras de barbeiro (Miguel coleciona estas cadeiras dos anos 60), os revestimentos de madeira, a luz



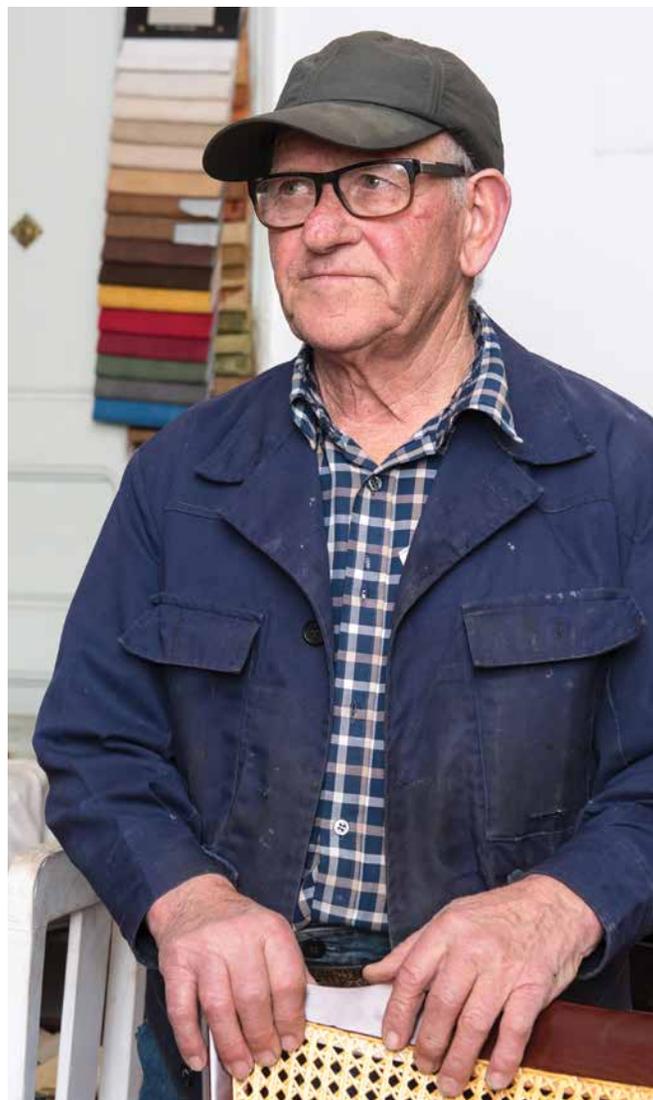
suave e os utensílios tradicionais, a que se juntam objetos decorativos (como um par de luvas de boxe e um *skate*) e a inovação da música contemporânea e da cerveja fresquiinha – tudo para que o cliente se sinta confortável, “como na sala da sua casa”.

Outros três barbeiros (incluindo uma senhora) asseguram a atividade do estabelecimento, apto para fornecer cortes clássicos ou segundo as tendências da moda, com ou sem aplicação de pomadas escolhidas com critério. A maioria dos clientes são pessoas da vizinhança, que vêm ao corte mensal, ou turistas que, na maioria, aqui desembocam seduzidos pelo ambiente *vintage* e pelas apreciações de clientes nas plataformas da Internet. Agora, é tempo de criar novos projetos, mas para isso Miguel Leão tem de se “afastar da cadeira de barbeiro”. Entretanto, ninguém lhe tira o motivo do seu orgulho: “as pessoas sentir-se- bem nesta casa”. 🍷

ANTÓNIO SOARES, o mestre empalhador

António Santos Soares, mestre empalhador, tem 84 anos e há mais de sessenta que vende e restaura móveis no n.º 182 da Avenida Almirante Reis, frente ao histórico Café Império – daí o nome da sua casa comercial: Móveis Império.

TEXTO Sara Inácio | FOTOGRAFIA Manuel Levita



Nasceu em Celorico da Beira, numa pequena aldeia do distrito da Guarda, Maçã do Chão. Oriundo de uma família muito pobre, pais pastores, oito irmãos, nunca foi à escola e não sabe ler nem escrever. Passou uma infância muito dura a guardar ovelhas, principalmente no rigor dos invernos, para ajudar no sustento da casa.

Aos treze anos de idade veio para Lisboa morar com um primo mais velho que tinha uma casa de móveis na Avenida Guerra Junqueiro. Aqui aprendeu a ser marceneiro, a restaurar móveis, a empalhar camas e cadeiras; enfim, toda a arte que ditou o seu percurso de vida.

“Só conheci um par de sapatos quando vim para Lisboa”

Mestre António Soares, baixa estatura, olhos azuis e vibrantes, recorda esses tempos

com algum brilhozinho no olhar. “Só conheci um par de sapatos quando vim para Lisboa. Trabalhei muito, mas consegui estabelecer-me por conta própria. Casei-me aos 30 anos. Esta era uma importante casa de venda e troca de móveis. Eu próprio fazia colchões de palha, ortopédicos, por medida. Tudo acabou!” – diz-nos num lamentoso desabafo, e continua: “Tinha mais de vinte homens a trabalhar comigo na cave, agora estou só e já poucos querem aprender a profissão, habituaram-se a viver com subsídios. Durante muitos anos levava trabalho para os presos do Linhão, aprenderam a arte e, mais tarde, chegaram a trabalhar comigo. Os jovens deviam vir aprender estas profissões, que não devem acabar!” – afirma, determinado, enquanto pincela com verniz uma cadeira de braços.

O nosso mestre, apesar da avançada idade e dos escassos clientes, não tem

‘A palhinha deve ser mergulhada cinco minutos na água e guardada em sacos de plástico para não secar’



vontade de fechar portas. Os trabalhos de empalhamento, já não os faz, mas recebe-os e envia-os para as Caldas da Rainha, “onde há senhoras tecedeiras que continuam a fazer esses serviços na perfeição”.

Adora Lisboa, a sua Alameda, “esta é que é a minha terra”, mas a alegria perdeu-a quando há oito anos diagnosticaram à sua mulher a doença de Alzheimer. A companheira de uma vida continua em casa, mas já não o conhece. Resta-lhe o filho que continua a ir todos os dias à noite cuidar da mãe.

A loja, a profissão? “Ai, se eu tivesse de fazer uma opção, era capaz de vender tudo, até a casa, mas continuava a vir para aqui trabalhar todos os dias!” 🍷

Materiais do empalhador

- Vime
- Palha-da-índia sintética
- Tesoura
- Chave de parafusos
- Buchas de madeira (para tapar furos)



Pai de Dom Quixote inspira rede de cidades

Lisboa, Madrid, Barcelona, Cidade Real, Córdoba, Sevilha, Toledo, Valladolid, El Toboso, Esquivias, Argamasilla de Alba, Argel, Azul, Montevideo e Alcalá de Henares integram a Rede de Cidades Cervantina, uma plataforma que celebra o autor de Dom Quixote de La Mancha, Miguel de Cervantes (1547-1616).



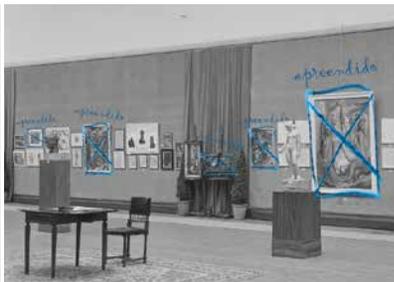
A rede foi apresentada recentemente em Alcalá de Henares, cidade que, segundo os dados mais fidedignos, viu nascer o escritor, poeta e dramaturgo espanhol, que nas suas viagens viveu em Lisboa entre 1581 e 1583, no reinado de Filipe II de Espanha.

Como membro fundador da rede, a Câmara Municipal de Lisboa criou também no seu sítio na Internet uma página dedicada a este projeto:

www.cm-lisboa.pt/viver/cultura-e-lazer/rede-de-cidades-cervantinas

Casa da Achada Comício sem palavras

A Casa da Achada – Centro Mário Dionísio inaugurou a exposição “Um Grande Comício sem Palavras”, setenta anos depois da 2.ª Exposição Geral de Artes Plásticas (EGAP), famosa por ter sido “visitada” pela PIDE, que apreendeu 12 quadros, de 11 artistas, considerados antinacionais e subversivos. Mário Dionísio, Lima de Freitas, Avelino Cunhal, José Viana, Louro de Almeida e Júlio Pomar foram alguns dos pintores censurados.



Na exposição da Casa da Achada será possível ver seis dos 12 quadros apreendidos e outras obras, de Mário Dionísio e de outros autores com ligação às Exposições Gerais de Artes Plásticas, e ainda uma série de painéis de enquadramento histórico, com reprodução de inúmeros documentos. As EGAP (1946-1956) tiveram um papel fundamental na história da luta contra o fascismo em Portugal. Realizadas na Sociedade Nacional de Belas-Artes nelas expunham sobretudo os artistas que não colaboravam com as exposições organizadas pelo regime.

A exposição “Um Grande Comício sem Palavras”, evocativa deste evento político e cultural, pode ser visitada até ao dia 15 de abril.

Itinerários Lisboa no Estado Novo

O itinerário guiado “Lisboa no Estado Novo” dá a conhecer as emblemáticas obras arquitetónicas e urbanísticas promovidas pelo regime de Oliveira Salazar.

A inevitável expansão urbanística decorrente das migrações dos anos 30 e 40 para a cidade foi regulada por um Plano Geral, elaborado em 1938, por iniciativa de Duarte Pacheco. Surgiram novos bairros, como Alvalade, Encarnação ou Madreus. Na zona da Praça de Londres e Avenidas Novas ergueram-se notáveis edifícios, num estilo



que viria a ser conhecido como “Português Suave”.

Nestas visitas revelam-se essas transformações e revisitam-se as obras de arquitetos como Cristino da Silva, Keil do Amaral, Pardal Monteiro e Cassiano Branco, entre outros.

Grandes edifícios públicos, como o Instituto Superior Técnico ou a Cidade Universitária, liceus como o Filipa de Lencastre, teatros e cinemas, como o antigo Monumental, o Capitólio ou o Éden, datam deste profícuo período.

Próximas visitas: 13 de abril, 15 de maio e 22 de junho.

lisboa.cultural@cm-lisboa.pt



POLO DAS GAIVOTAS

NOVOS VOOS PARA A CULTURA

TEXTO Isabel Advirta | FOTOGRAFIA Américo Simas

Desenvolver projetos artísticos em Lisboa ficou mais fácil com a criação do Polo Cultural das Gaivotas |Boavista. Este polo disponibiliza espaços para ensaios e assegura o acesso facilitado à informação relevante para o setor.

Alavancar a criação artística é a principal missão deste equipamento autárquico. No edifício-sede, localizado numa antiga escola primária, na Rua das Gaivotas, cedem-se espaços adequados para ensaios nas artes performativas (música, dança, teatro), *castings* ou realização de ações de formação e *workshops*.

Dispõe, ainda, de cinco escritórios utilizados como sede por entidades de produção cultural, que, durante um período máximo de um ano e por um preço simbólico, podem contar com instalações para desenvolver as suas ideias criativas, e, claro, estar no centro do borbulhar artístico da cidade, gerando troca de experiências enriquecedoras, apenas possíveis quando se trabalha de forma próxima.

Este equipamento pode, ainda, acolher profissionais do setor cultural que estejam em Lisboa para se inspirar



ou promover projetos artísticos e que precisem de um alojamento: as Residências da Boavista são quatro apartamentos disponíveis para os alojar temporariamente. No pátio do Polo Cultural das Gaivotas há ainda uma esplanada e uma programação variada (projeto Lusco-Fusco) que desafia os lisboetas a conhecer os novos artistas e as suas criações. 📍

LOJA LISBOA CULTURA

Perto da antiga escola das Gaivotas, mas já na Rua da Boavista, a Loja Lisboa Cultura é um centro de recursos e apoio a projetos e artistas. O atendimento é gratuito e especializado e esclarece dúvidas relacionadas com o setor cultural em variados aspetos, como por exemplo finanças, segurança social ou necessidade de vistos para agentes culturais em trânsito internacional.

Polo Cultural das Gaivotas

Rua das Gaivotas, n.º 8

Loja Lisboa Cultura

Rua da Boavista, n.º 184

www.cm-lisboa.pt/polo-cultural-gaivotas-boavista

eventos

Democracia

Abril em Lisboa

Pelo segundo ano consecutivo, um programa diversificado e multidisciplinar assinala as comemorações do 25 de Abril.

Da responsabilidade da EGEAC, a iniciativa “Abril em Lisboa” apresenta propostas diferenciadoras, como uma exposição de fotografia no feminino, um conjunto de atividades no Museu do Aljube e um projeto do Teatro do Vestido, na sala de visionamento do edifício da



Rank Filmes / Cinema São Jorge.

No âmbito desta efeméride decorre, também no cinema São Jorge, a segunda edição do Festival Política, um ciclo de cinema, *workshops* e debates; um festival de pensamento e cidadania ativa para celebrar a democracia.

www.lisboanarua.com/abrillem Lisboa/

Bolsa de Turismo celebra 30 edições

Um dos mais importantes eventos de turismo em Portugal, e referência no calendário de feiras internacionais do setor, celebrou este ano a sua 30.ª edição.

A BTL - Bolsa de Turismo de Lisboa realizou-se novamente na FIL - Parque das Nações, entre os dias 28 de fevereiro e 4 de março.



Foram mais de 30 mil profissionais, nacionais e estrangeiros, a marcar presença na cidade de Lisboa, participando naquela que é a maior mostra de turismo em língua portuguesa.

Nesta edição da BTL, o Centro de Portugal foi o destino nacional convidado.

Design nacional ModaLisboa 50

Celebrando cinquenta edições, a ModaLisboa apresentou as propostas dos designers de moda nacionais para o próximo outono/inverno. Entre 8 e 11 de março, no Pavilhão Carlos Lopes, estiveram em desfile 29 coleções, nas plataformas Sangue



Novo, LAB e Passerelle Principal.

Paralelamente aos desfiles realizou-se um conjunto de iniciativas abertas ao público, como as Fast Talks, conferências sobre moda que decorreram na Estufa Fria; a Wonder Room, uma *pop-up store* com peças de designers nacionais; a Workstation, exposição de fotografia de moda, e outras novidades.

www.modalisboa.pt

FELIZ ANO DO CÃO!

TEXTO Marta Rodrigues | ILUSTRAÇÃO Maria João Pardal

Lisboa associou-se uma vez mais às celebrações do Ano Novo Chinês. As boas-vindas ao Ano do Cão decorreram nos dias 10 e 11 de fevereiro com um conjunto de atividades que tiveram a Praça Martim Moniz como palco principal.

Um dos pontos altos da celebração consistiu num grande desfile entre a Igreja dos Anjos, na Avenida Almirante Reis, e a Praça Martim Moniz, passando pela Rua da Palma – locais de grande concentração do comércio chinês.

A presença de centenas de artistas do país da Grande Muralha nos espetáculos da Praça do Martim Moniz, numa explosão de cor e desejos de bons augúrios para o Ano do Cão, levaram à zona mais intercultural da cidade milhares de visitantes.

A festa contou com a participação dos artistas da Companhia Artística de Henan, da Companhia Artística de Chongqing e da Companhia de Dança da Escola Secundária Pui Ching de Macau. Durante todo o fim de semana foi possível visitar a feira montada onde o público teve a oportunidade de apreciar as diversas manifestações culturais, além de poder comprar peças tradicionais de artesanato e objetos decorativos típicos da China. 🐕

O Ano do Cão

No Oriente, o cão é visto como símbolo de inteligência, lealdade e proteção. O Ano do Cão caracteriza-se pela solidariedade, honestidade, defesa dos bons costumes e da moral, nobreza de valores e procura da verdade e da justiça.





À conversa com **FÁBIA REBORDÃO** ... no Miradouro de Santa Luzia

“Mãe, eu quero cantar para sempre”. Foram as palavras de Fábria Rebordão, na altura com seis anos, após uma festa de Natal na escola primária. Tinha encontrado o seu destino. Depois de atuar nessa festa, Fábria nunca mais quis fazer outra coisa. Pediu à mãe para lhe comprar uma aparelhagem e um microfone. “Quando não tinha o microfone cantava com a colher de pau virada para a janela porque o som quando batia no vidro e voltava para mim... parecia que toda eu estava amplificadas, e então eu estava num palco”. Foi assim que a cantora e fadista, de 32 anos, se lembra de ter despertado para a música.

TEXTO Mafalda Ferraz | FOTOGRAFIA Américo Simas

Lisboa é fascinante

Fábia Rebordão é uma apaixonada por Lisboa e em especial por Alfama, que a viu crescer como artista. Convidámos a fadista para conversar conosco no Miradouro de Santa Luzia, com vista sobre esse bairro. “Foi aqui que eu comecei a dar os primeiros passos no fado. Tive oportunidade de conhecer grandes nomes, ter grandes conversas, grandes noites, e de aprender muito com todos”. Vive em Lisboa e não troca a cidade por nenhuma outra. “Esta cidade é muito especial para mim. Gosto do cheiro, das cores, desta luz tão diferente de todas as outras. Lisboa é fascinante”.

Despertar para o fado

Descobriu o fado aos 14, 15 anos pela mão de um amigo que era fadista e tocava viola de fado. “Ele viu-me a cantar no programa “Cantigas da Rua”, da RTP, achou que eu tinha jeito e que ia gostar. Levou-me à *Tasca do Chico*, no Bairro Alto, e eu lembro-me que fiquei deslumbrada. Tinha 15 anos, a sala em silêncio absoluto, as luzes apagadas, as pessoas de olhos fechados, muito atentas, só havia um guitarrista, viola e o fadista. Era uma atmosfera cativante. Eu sabia dois fados e cantei”. A partir desse momento as casas de fado tornaram-se a sua segunda casa.

Aos 17 anos integra o elenco de *My Fair Lady* pelas mãos do encenador Filipe La Fêria. Um ano depois participa no programa “Ope-



ração Triunfo” exibido pela RTP, chegando a ser finalista. Cantou em diversos locais, mas Fábia não tardou a sentir necessidade de voltar a cantar o fado, regressando assim à sua querida Alfama. Por convite do dono do *Bacalhau de Molho* (atual *Casa de Linhares*), voltou à sua antiga paixão sem nunca mais a largar. Fábia é considerada uma das vozes de referência da nova geração. Embora o fado seja o seu grande amor, as suas influências musicais vão do *soul* à bossa nova, passando pela morna, *blues* ou *jazz*.

Imagem renovada e um novo álbum

Dona de um estilo irreverente, Fábia gosta de marcar diferença. Depois de ter perdido mais de quarenta quilos, a cantora garante que se sente mais segura de quem é, e isso nota-se no seu segundo álbum. Até a voz mudou. “Durante muito tempo escondi-me um bocadinho atrás de mim própria através do excesso de peso, por medo daquilo que os outros pudessem pensar. Neste momento já não penso assim, eu acho que amadureci e que todas estas transformações na minha vida me trouxeram outra imagem de mim mesma. Este meu último disco, *Eu*, é a forma simples como eu me sinto, transparente, ‘eu’ no meu estado puro”.

Com uma imagem renovada e uma forte presença em palco, o ano de 2018 vai ser, com toda a certeza, mais um importante marco na sua

carreira. Fábia Rebordão já está a trabalhar no seu terceiro álbum. Mais uma vez com canções da sua autoria, com os mesmos produtores, Jorge Fernando, New Max (*Expensive Soul*) e Hugo Novo, e com muitos convidados. Carolina Deslandes, Agir, Tozé Brito, Luísa Sobral e Paulo de Carvalho são alguns dos nomes que a cantora revelou participarem no novo projeto.

A prima Amália Rodrigues

Nascida numa família com “jeito para cantar”, Fábia Rebordão ainda é prima de Amália Rodrigues, a sua grande referência no fado e na música.

“Eu não sinto o peso de ser familiar da Amália, senão também sentiria o peso de ser familiar da Celeste Rodrigues, que é inacreditavelmente boa. Sinto é um grande privilégio por pertencer a esta família, é um grande legado.”

Fábia Rebordão gosta de viver o presente e receber o que a vida lhe traz a cada instante e por isso não tem grandes ambições. Já teve o privilégio de cantar com pessoas que muito admira, como Mariza ou Ana Moura, e só quer poder continuar a cantar, cantar para sempre. “Quero viajar bastante e cantar por todo o mundo.” 🎵



Melhor Destino Mundial para City Break?

Lisboa

Lisboa ganhou, pela primeira vez, o prémio de Melhor Destino do Mundo para City Break, dos World Travel Awards.

Esta distinção é atribuída à capital portuguesa pela sua atratividade e oferta de excelência no que respeita a estadas de curta duração, e resulta de uma votação *online*, na qual participaram o público em geral e mais de 200 mil profissionais de Turismo e Viagens de 160 países.

Criados em 1993, os World Travel Awards reconhecem os melhores exemplos de boas práticas no setor.





ARMIDO RIBEIRO

A conhecida *Paris Match* acompanhou a visita a Lisboa dos reis dos Países Baixos, destacando o passeio que fizeram pelas ruas da velha cidade a bordo de um dos “míticos” amarelos da Carris.

Os monarcas holandeses, Guilherme-Alexandre e Máxima, visitaram o bairro histórico da Mouraria. No Intendente, tiveram contacto com os projetos lançados durante a crise económica “para melhorar a vida local e o clima empresarial” e viram os bons resultados obtidos, conversando com os seus responsáveis.

“Si siempre nos gustó, ahora nos encandila”

De Espanha, *El Mundo* propõe aos seus leitores descobrirem “a nova cara de Lisboa”. Para o articulista, Óscar Checa, “são muitos (e bons) os projetos que a estão a converter numa das cidades mais vibrantes da Europa.”

O retrato traçado é o de uma Lisboa que não se mostra altiva e desdenhosa, antes sabe ser elegante. Nas suas palavras, o rejuvenescimento da zona ribeirinha tem sido feito sem que os bairros tradicionais percam as suas características. Uma extensa galeria fotográfica destaca locais emblemáticos, lojas tradicionais

e inovadoras, projetos de economia local e referências gastronómicas.

Uma causa comum

Jordi González aborda, em *El Confidential*, as consequências do aumento do número de turistas, dando voz às preocupações das associações de residentes, e destaca o documento conjunto assinado pela Câmara Municipal de Lisboa com as autarquias de Barcelona e Nova Iorque, que reivindica maiores competências legislativas que permitam conciliar o interesse económico da cidade com as vivências tradicionais e o bem-estar dos residentes.

Para o direito à habitação: poder local, política global

“As nossas cidades não são uma mercadoria, são uma comunidade muito diversificada de pessoas que desejam viver e prosperar juntas, em comum. Queremos que as nossas cidades sejam espaços onde todos possam viver de forma digna. Onde o direito à cidade, o direito à habitação, é garantido.”

Documento, assinado por Lisboa, Barcelona e Nova Iorque, citado no *El País*.



ALL ABOARD!

EUROVISION

SONG CONTEST
LISBON 2018



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL



EUROVISION
OPERATED BY EBU

Montepio Proteção Futuro

Não vai acontecer. Mas, e se acontecer? Quem vai garantir o bem-estar dos seus filhos?

O tema não é fácil, mas a pergunta tem de ser feita: se lhe acontecer alguma fatalidade ou um infortúnio da vida o deixar incapacitado, quem vai garantir o futuro dos seus filhos? Como vai assegurar o seu bem-estar e todos os cuidados que necessita? Subscriba as modalidades mutualistas Proteção Outros Encargos ou Proteção Vida, da Associação Mutualista Montepio, e garanta já hoje que o futuro dos seus filhos não tem "ses".

Saiba mais em
montepio.org



Associação Mutualista
Montepio
Juntos por todos